



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**ALESSANDRO LUCAS MONTEIRO FERNANDES**

**MÍDIA E PEREGRINAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA  
DEVOÇÃO AOS FLAGELADOS DA SECA NA CAMINHADA DAS ALMAS EM  
SENADOR POMPEU-CE**

**FORTALEZA**

**2024**

ALESSANDRO LUCAS MONTEIRO FERNANDES

MÍDIA E PEREGRINAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA DEVOÇÃO  
AOS FLAGELADOS DA SECA NA CAMINHADA DAS ALMAS EM SENADOR  
POMPEU-CE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Jornalismo do Instituto  
de Cultura e Arte da Universidade Federal do  
Ceará, como requisito parcial à obtenção do  
grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Gabriela Frota  
Reinaldo.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F398m Fernandes, Alessandro Lucas Monteiro.

Mídia e peregrinação: as representações imagéticas da devoção aos flagelados da seca na Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE / Alessandro Lucas Monteiro Fernandes. – 2024.  
81 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2024.  
Orientação: Prof. Dr. Gabriela Frota Reinaldo.

1. Caminhada da Seca. 2. Campos de Concentração. 3. Peregrinação. 4. Senador Pompeu. I. Título.  
CDD 070.4

---

ALESSANDRO LUCAS MONTEIRO FERNANDES

MÍDIA E PEREGRINAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA DEVOÇÃO  
AOS FLAGELADOS DA SECA NA CAMINHADA DAS ALMAS EM SENADOR  
POMPEU-CE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Jornalismo do Instituto  
de Cultura e Arte da Universidade Federal do  
Ceará, como requisito parcial à obtenção do  
grau de bacharel em Jornalismo.

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Gabriela Frota Reinaldo (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Naiana Rodrigues da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Me. Daniel Paiva de Macêdo Júnior  
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

---

Dr. David Leitão Aguiar  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Às Santas Almas da Barragem.

## AGRADECIMENTOS

O trabalho acadêmico é, essencialmente, coletivo. Ainda que o mérito seja apenas de um autor, há por trás uma orientação, como neste caso, uma rede de amigos, pesquisadores, grupos de pesquisa e autores que precedem e são indispensáveis para a conclusão de uma pesquisa. Apesar disso, Graciliano Ramos lembra que “a colheita é comum, mas o capinar é sozinho”, frase que passei a conhecer nas assinaturas de e-mail da professora Dra. Gabriela Reinaldo, também orientadora deste trabalho.

O percurso até aqui foi turbulento e marcado por diversas mudanças na vida, como costumeiramente precisa ser. O curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) é integral e, além disso, o bacharelado exige dos estudantes uma prática profissional presente desde os primeiros semestres. Por isso, a produção desta monografia se deu durante o percurso que envolveu trabalhos, aulas e atividades extracurriculares. Infelizmente, os períodos de estudo e reflexão na biblioteca sempre foram escassos e o tempo livre para a produção da monografia não existiu em grande quantidade.

Apesar das intempéries, o caminho foi bonito e prazeroso, mas só existiu com o auxílio e a força de muitas mãos. Por isso, sou grato à minha família por acreditar na educação como um dos instrumentos de transformação da sociedade e ascensão econômica. Se estou hoje concluindo a graduação no segundo melhor bacharelado em Jornalismo do Norte-Nordeste em uma das melhores universidades do país é porque houve muito incentivo e esforço para que chegasse até aqui. Agradeço, em especial, aos meus pais, Ana Maria Monteiro e Almir Fernandes dos Santos, que não mediram esforços para que eu pudesse acessar a educação pública, gratuita e de qualidade. Estendo minha gratidão aos familiares que torceram e torcem por mim a todo instante.

Sou imensamente grato pelo conhecimento apreendido em todas as escolas públicas onde estudei. Apesar da precariedade, sempre encontrei bons professores e amigos que me incentivaram a chegar até aqui. Ao mesmo tempo, gostaria de agradecer ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Caicó, espaço onde me desenvolvi acadêmica, intelectual, pessoal e profissionalmente. O IFRN foi um divisor de águas na minha vida e me possibilitou sonhar com a graduação. Muito obrigado a todos os servidores que fazem parte desta instituição. Espero um dia poder retribuir todas as oportunidades às quais tive acesso.

Aos meus amigos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Sem vocês, essa caminhada não teria sido tão significativa. Agradeço também ao quadro

docente do curso e à instituição por proporcionar o acesso ao ensino superior público. A universidade, além do conhecimento acadêmico, também nos prepara para a vida. Tenho um imenso orgulho de, logo menos, me tornar *alma mater* da UFC.

À equipe da Gerência de Comunicação da Pinacoteca do Ceará, onde exerço, no momento da conclusão deste trabalho, o cargo de estagiário de Jornalismo. Agradeço o apoio, parceria, incentivo e contribuição ao meu desenvolvimento profissional, especialmente à Raphaëlle Batista e Sílvia Bessa. Estendo meu agradecimento ao restante da equipe, Sara Fael, Rhaiza Oliveira, Lucas Dilacerda, Jorge Silvestre, Marília Camelo, Felipe Ferreira e Lidia Sampaio.

À professora Dra. Helena Martins, responsável por me introduzir na pesquisa acadêmica na universidade quando fui bolsista de iniciação científica. Agradeço também a toda equipe do Laboratório de pesquisas em Economia, Tecnologia e Políticas de Comunicação (Telas).

À minha orientadora, Dra. Gabriela Frota Reinaldo, com quem aprendo cotidianamente sobre a escrita acadêmica, a pesquisa científica e a vivência na universidade. Pude ter o privilégio de cursar diversas disciplinas optativas com esta professora e aprender muito sobre Ciências da Comunicação, mas também sobre a vida. Obrigado pela brilhante orientação, pela confiança em orientar este trabalho e por ser uma pesquisadora tão dedicada em um país que não valoriza a ciência.

Ao meu companheiro, Arthur Clemente, pela paciência, suporte e apoio que me deu até aqui. O caminho teria sido mais difícil sem essa parceria.

Às amigas e amigos, ainda que não citados nominalmente, são partes constituintes de quem eu sou.

## RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de investigar, compreender e discutir as interseções entre mídia, peregrinação e as representações imagéticas da devoção aos flagelados da seca na Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE. Embora o termo mídia, no senso comum, frequentemente se refira a aparelhos tecnológicos e meios de comunicação de massa, neste trabalho nos interessa, em específico, a classificação de mídia proposta pelo jornalista e pesquisador alemão Harry Pross e o que diz o estudioso das imagens Hans Belting, que recupera a etimologia do termo e compreende mídia como meio, veículo, não necessariamente ligado aos meios de comunicação de massa. O trabalho está dividido em três capítulos. Inicialmente, contextualizamos historicamente os Campos de Concentração no Ceará e a Caminhada da Seca, também chamada de Caminhada das Almas. Em um segundo momento, abordamos teoricamente noções como ritual, peregrinação, ritos de passagem, sagrado, profano, imagens endógenas, exógenas e devoção popular; e, no último capítulo, nos voltamos para a relação entre os peregrinos e a devoção às Santas Almas da Barragem, com especial atenção à performatividade do corpo. A análise se soma às descrições e vivências ao longo do percurso da peregrinação *in loco* (em novembro do ano de 2023). Conceitos e categorias como ritual, peregrinação, ritos de passagem, mito, sagrado, profano, devoção e imagens endógenas, são discutidos a partir de autores como Van Gennep, Norval Baitello Junior, Hans Belting, Malena Contrera, Mircea Eliade, Rudolf Otto e Victor Turner.

**Palavras-chave:** Caminhada da Seca; Campos de Concentração; Peregrinação; Senador Pompeu.

## ABSTRACT

This research aims to investigate, understand and discuss the intersections between media, pilgrimage and the image representations of devotion to those affected by the drought at *Caminhada das Almas* in *Senador Pompeu-CE*. Although the term *media*, in common sense, often refers to technological devices and means of mass communication, this research particularly we are specifically focus in the media classification proposed by German journalist and researcher Harry Pross and the image scholar Hans Belting's studies, that recovers the etymology of the term and understands media as a mean, a vehicle, not necessarily linked to mass media. The work is divided into three chapters. Initially, we historically contextualize the Concentration Camps in Ceará and the Drought Walk, also called *Caminhada das Almas* (Walk of Souls). Afterwards, we approach theoretically concepts such as ritual, pilgrimage, rites of passage, divine, profane, endogenous and exogenous images and popular devotion; and, in the last chapter, we focus on the relationship between pilgrims and devotion to the *Santas Almas da Barragem*, with special attention to body performativity. The analysis adds to the descriptions and experiences along the route of the pilgrimage on site (in November 2023). Concepts and categories such as ritual, pilgrimage, rites of passage, myth, divine, profane, devotion and endogenous images are discussed from authors such as Van Gennep, Norval Baitello Junior, Hans Belting, Malena Contrera, Mircea Eliade, Rudolf Otto and Victor Turner.

**Keywords:** Drought Walk; Concentration camps; Pilgrimage; Senador Pompeu.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Alojamento de retirantes .....	27
Figura 2 –	Trecho de notícia do jornal O Povo de 17 de maio de 1932 .....	30
Figura 3 –	Notícia do jornal O Povo de 09 de abril de 1932 .....	31
Figura 4 –	Campo do Urubu, no bairro do Pirambu, em Fortaleza .....	32
Figura 5 –	Antiga casa do engenheiro-mor, Senador Pompeu, Ceará .....	33
Figura 6 –	Cruz produzida a partir de palha de carnaúba .....	35
Figura 7 –	Caminhada das Almas em Senador Pompeu em 12 de novembro de 2023 ..	40
Figura 8 –	Túmulo no Cemitério da Barragem em Senador Pompeu-CE .....	49
Figura 9 –	Peregrinos em direção ao Cemitério da Barragem .....	55
Figura 10 –	Fiéis participam de missa ao lado do Cemitério da Barragem .....	56
Figura 11 –	Devotos se concentram na Igreja Matriz para participar da Caminhada da Seca .....	58
Figura 12 –	Cemitério da Barragem durante a peregrinação dos devotos .....	60
Figura 13 –	Trajes brancos estão presentes na maioria dos peregrinos .....	64
Figura 14 –	Peregrina faz uma pausa durante a Caminhada da Seca e ora às Santas Almas da Barragem .....	67
Figura 15 –	Peregrina segura um porta-retrato com a imagem de seu pai, já falecido, um dos sobreviventes do Campo de Concentração do Patu .....	71
Figura 16 –	Inúmeras garrafas de água e sacos de pães depositados nos túmulos com o objetivo de “matar” a sede e a fome dos flagelados .....	74
Figura 17 –	Réplica de um pé depositado na capela construída no Cemitério da Barragem .....	76
Figura 18 –	Devotos derramam água sobre túmulo no Cemitério da Barragem .....	77

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

COEPA	Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
INSA	Instituto Nacional do Semiárido
MPCE	Ministério Público do Estado do Ceará
RFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
TAC	Termo de Ajuste de Conduta

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>DO FLAGELO DAS SECAS À CAMINHADA DAS ALMAS EM SENADOR POMPEU-CE</b> .....	17
2.1	O flagelo das secas no sertão nordestino .....	17
2.2	Os Campos de Concentração no Ceará e a vigilância dos corpos flagelados .....	25
2.3	Caminhada da Seca e a devoção popular às Santas Almas da Barragem .....	34
2.4	Estado da Arte .....	41
<b>3</b>	<b>O SAGRADO E A PEREGRINAÇÃO ÀS SANTAS ALMAS DA BARRAGEM</b> .....	44
3.1	Religião, religiosidade e culto .....	44
3.2	O sagrado e o profano na Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE .....	47
3.3	Conflitos e aproximações entre a Igreja Católica e a devoção popular .....	51
3.4	A peregrinação às Santas Almas da Barragem .....	56
<b>4</b>	<b>IMAGENS ENDÓGENAS E A MÍDIA SECUNDÁRIA NA DEVOÇÃO ÀS ALMAS DA BARRAGEM</b> .....	63
4.1	A peregrinação às Santas Almas da Barragem e a performatividade do corpo .....	63
4.2	Imagem, mídia e corpo na peregrinação .....	68
4.3	A dinâmica dos símbolos na devoção popular às Almas da Barragem .....	75
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	79
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	81

## 1. INTRODUÇÃO

O solo seco, o calor escaldante e a ausência ou pouca incidência de chuvas fazem parte de um conjunto de elementos que ajudam a descrever o semiárido nordestino nos meses de “verão”<sup>1</sup>. A região, segundo o Instituto Nacional do Semiárido (INSA)<sup>2</sup>, é formada pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Além disso, reúne 1.262 municípios e 27.870.241 habitantes, o que representa 12% da população brasileira, distribuída em zonas urbanas (62%) e rurais (38%).

Mas além de uma determinação geográfica e climática, nascer no sertão implica carregar uma identidade que reúne memórias, conquistas, dores e estigmas, como nos lembra Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011). Nos meses de chuva, a vegetação rala, seca e com galhos retorcidos dá origem a um bioma rico e diverso, onde predominam o verde e o canto dos pássaros, que fazem festa no amanhecer. Essas imagens são parte de minhas memórias na zona rural de Serra Negra do Norte (RN), especificamente no sítio Boa Vista. A região, que fica no sertão norte-riograndense, é o lugar onde ouvi relatos de familiares e vivenciei atentamente o impacto das secas.

Na infância, ora era necessário enfrentar<sup>3</sup> em uma canoa o Rio Espinharas, que na altura tinha uma vazão de água impressionante, ora o rio se encontrava vazio. O mesmo corpo de água, que no início do ano ameaçava pela cheia, aterrorizava a população com uma terra seca e sem vida. Isso porque boa parte dos rios, que constituem uma melodia de vida e prosperidade no sertão potiguar, são intermitentes e, portanto, não possuem um fluxo de água constante. Por isso, é comum encontrar barragens e represas que, embora impactem negativamente o fluxo das águas, são alternativas que possibilitam reservatórios cheios durante longos períodos.

As chuvas e o “inverno” são, assim, episódios temporais de alegria, fartura e celebração. Não à toa, um conjunto de símbolos e memórias são resgatados quando há uma previsão do tempo favorável aos sertanejos. “Tá bonito pra chover”<sup>4</sup> é como se costuma anunciar o céu

---

<sup>1</sup> Meteorologicamente, a estação inverno é conhecida pelo tempo seco e frio, além da pouca incidência de chuvas. Já o verão se constitui pela alta umidade, além dos temporais. No entanto, no sertão, isso se inverte. O inverno – que vai de dezembro a abril – é conhecido pela fartura e índices pluviométricos favoráveis aos sertanejos.

<sup>2</sup> INSA, Instituto Nacional do Semiárido. **O semiárido brasileiro**. Disponível em: <https://www.gov.br/insa/pt-br/semi-arido-brasileiro>. Acesso em: 11 nov. 2023.

<sup>3</sup> Este é um trabalho coletivo fruto da pesquisa realizada por mim sob orientação da professora Dra. Gabriela Frota Reinaldo. Além disso, dialogamos com produções acadêmicas essenciais para a concretização desta monografia. Por isso, o trabalho é escrito na primeira pessoa do plural. Em relatos pessoais ou em intervenções pontuais, escrevo na primeira pessoa do singular.

<sup>4</sup> Bonito pra chover é uma frase muito frequente no cotidiano das populações do sertão nordestino, uma expressão que se refere ao tempo nublado e carregado de nuvens, sinal de que a chuva se aproxima. É também o título de um livro organizado pelo professor e jornalista Gilmar de Carvalho (*in memoriam*), publicado em 2003 pela editora

escuro, nublado e, às vezes, com relâmpagos e trovões. O cheiro de terra molhada deixa toda a atmosfera mais gostosa e suave, assim como a vida, que tem mais sentido e sabor.

Não há muito tempo, minhas narrativas pessoais dialogam com as histórias de migração e deslocamento. Em outro contexto, com melhores condições materiais, finco os pés em Fortaleza (CE), para realizar um sonho coletivo: acessar a universidade. Escrevo parte desta pesquisa na capital do Ceará, embora algumas páginas, para fazer sentido, são escritas em Senador Pompeu<sup>5</sup>. É em Fortaleza onde vejo o mar cotidianamente, algo que vi e vivi poucas vezes na vida e que ainda é desconhecido por boa parte de minha família. Nesta cidade, sinto e experimento o ambiente com os resquícios do que sobrou da Mata Atlântica, um bioma tão diverso quanto a Caatinga, o Cerrado ou a Amazônia. Mas precisei vivenciar tudo isso para compreender que é a Caatinga, mesmo que seca neste período do ano<sup>6</sup>, que faz meu coração bater e me emocionar.

A pesquisa que se segue nas próximas páginas tem o objetivo de investigar e discutir as relações entre o simbólico e as manifestações religiosas na devoção popular às Santas Almas da Barragem na Caminhada da Seca em Senador Pompeu-CE. Este evento cultural-político-religioso tem profundas e singulares conformações imagéticas. Ele foi constituído, inicialmente, no ano de 1982 como uma forma de reivindicação de políticas públicas eficientes de combate à seca, mas também com forte apelo religioso, a partir da peregrinação às Santas Almas da Barragem, cuja devoção antecede o surgimento da Caminhada. A decisão em estudar a Caminhada das Almas nesta monografia surgiu a partir do contato com reportagens na imprensa local sobre os Campos de Concentração no Ceará, além de coberturas fotojornalísticas e audiovisuais, como o documentário “Currais” (2019), dirigido por Sabina Colares e David Aguiar.

O tema nos instiga a construir um diálogo que possa aprofundar a compreensão sobre o evento a partir do olhar das Ciências da Comunicação, com especial interesse no corpo, que compreendemos como uma forma de mídia (Belting, 2006; Baitello, 1998) e na relação entre os devotos e a Caminhada das Almas. Dito isso, nos aproximamos de categorias como o

---

Edições Demócrito Rocha. Além disso, a Pinacoteca do Ceará reúne uma mostra de mesmo nome até setembro de 2024 com as exposições “Amar se aprende amando”, “No lápis da vida não tem borracha” e “Se arar”. Esta última já não está mais em cartaz. CEARÁ, Pinacoteca do. Bonito pra chover. Disponível em: <https://pinacotecadoceara.org.br/exposicoes/bonito-pra-chover/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

<sup>5</sup> Senador Pompeu é uma pequena cidade do semiárido nordestino com uma população total de 24.266 pessoas. O município faz parte, segundo o Governo do Estado do Ceará, da região do Sertão Central. Ao longo da pesquisa detalharemos, com mais informações, as características geográficas e históricas da cidade.

<sup>6</sup> O capítulo 1 desta monografia foi escrito no mês de novembro de 2023, caracterizado tipicamente por períodos de estiagem no semiárido nordestino.

sagrado, profano, mídias primária e secundária, imagens exógenas e endógenas, entre outras, que serão discutidas ao longo desta monografia.

Importante ressaltar que, quando mencionamos o termo mídia, presente neste trabalho deste o seu título, não estamos nos referindo ao conceito no seu uso cotidiano, que entende mídia como meios de comunicação de massa, como rádio, jornal, televisão... Nos interessa partir de sua raiz latina, *media* como meio, veículo – o que não despreza os meios de comunicação de massa, mas tampouco se reduz a eles. Deste modo, nos apoiamos em autores como o pesquisador das imagens e historiador da arte Hans Belting, para quem a relação imagética é medial. Para Belting (2005), só é possível estudar a imagem a partir da tríade que essa compõe com as mídias e com o corpo que, por sua vez, para ele, também é uma mídia). Também partindo de uma compreensão de mídia mais abrangente, o jornalista e pesquisador Harry Pross propõe uma classificação das mídias que compreende o corpo humano como uma mídia primeira ou primária, como explanaremos oportunamente nos capítulos que se seguem.

No primeiro capítulo, intitulado “Do flagelo das secas à Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE”, abordaremos o flagelo da seca no Ceará, que provoca, ainda hoje, medo, ansiedade e comoção. Não por acaso, foram inúmeros os períodos com ausência de chuvas e deslocamento populacional forçado ao longo do estado à procura de melhores condições de vida. Assim, é preciso antes conhecer para poder sentir e fazer sentido. Além disso, esta parte do trabalho exige uma contextualização necessária sobre os Campos de Concentração no Ceará, assim como a Caminhada das Almas – conhecida também pelo nome Caminhada da Seca. Este último elemento é o objeto de estudo desta pesquisa e nele nos debruçamos ao longo dos demais capítulos da monografia. Durante esse primeiro momento, dialogaremos com fontes históricas e pesquisas que reúnem dados e contextualizam as secas que atingiram o Ceará, assim como as informações sobre os Campos de Concentração e a Caminhada das Almas. Entre os autores, estão Karolina Queiroz Silva (2017), Kênia Rios (2001), Alexandre Almeida Barbalho (2005), Luciana Brito (2013), Paulo Cesar Gonçalves (2018), Raimundo Aterlane Martins (2015) e Frederico de Castro Neves (1995).

No segundo capítulo, cujo título é “O sagrado e a peregrinação às Santas Almas da Barragem”, nos interessa discutir a Caminhada das Almas como fenômeno político-social-religioso-cultural. Dessa forma, as principais categorias discutidas para refletir sobre o evento são: sagrado, profano, mito, peregrinação, devoção popular e ritos de passagem. Neste momento, dialogamos com autores como Mircea Eliade (1979, 1992, 2004), Victor Turner (2008), Émile Durkheim (1996) e Van Gennep (2011), além de reflexões sobre o tema a partir de fenômenos midiáticos como propõe a professora Malena Contrera (2008), bem como a

dissertação de Leandra Bento da Silva (2012), que investiga as tensões e disputas da devoção popular.

O último capítulo desta monografia, que tem o nome “Imagens endógenas e a mídia secundária na devoção às Almas da Barragem”, analisa as manifestações simbólicas e culturais dos peregrinos pondo de relevo a dimensão do corpo como mídia. Autores como Harry Pross e Hans Belting, supracitados, além dos professores Norval Baitello Junior e Malena Contrera, que se dedicam a investigar os fenômenos culturais e comunicacionais, fazem-se presentes neste capítulo. Neste momento, investigamos a Caminhada das Almas em Senador Pompeu a partir de conceitos e categorias como imagem endógena e imagem exógena (Belting, 2006) e do que Harry Pross chama de mídia primária e secundária.

Ao longo do texto, há fotografias que são de posse do Museu Ferroviário e de arquivos pessoais, cujos autores foram creditados. Vale dizer ainda que as imagens de notícias jornalísticas foram coletadas na hemeroteca da Biblioteca Estadual do Ceará (BECE) durante o mês de janeiro de 2024. Para a pesquisa, utilizamos matérias do ano de 1932 publicadas no jornal O Povo. Todas as imagens da Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE foram feitas por mim, Alessandro, durante a 41ª Caminhada da Seca, realizada no dia 12 de novembro de 2023.

## **2. DO FLAGELO DAS SECAS À CAMINHADA DAS ALMAS EM SENADOR POMPEU-CE**

Este capítulo, que se divide em 4 tópicos, tem como objetivo trazer informações sobre os períodos de seca no estado do Ceará entre os séculos XIX e XX. Nos delimitamos aos anos de 1877, 1915 e 1932, datas essenciais para a compreensão das políticas públicas de combate à seca. Interessa-nos, neste momento, recuperar e discutir os contextos históricos a respeito da seca e dos campos de concentração, para então discorrermos sobre a Caminhada das Almas em Senador Pompeu. Ainda neste capítulo, trazemos o Estado da Arte a respeito do nosso objeto de pesquisa.

Além disso, abordamos a evolução no desenvolvimento de estratégias de vigilância e aprisionamento dos sertanejos ditos flagelados. É um capítulo de caráter histórico que tem o objetivo de contextualizar o assunto e subsidiar os capítulos e reflexões que se seguem.

Aqui, discutiremos sobre o surgimento dos Campos de Concentração, no Ceará também chamados de Currais do Governo, durante as secas de 1915 e 1932, conhecidos como dispositivos de vigilância e controle que tinham como principal papel a retenção e o aprisionamento dos retirantes que se dirigiam à capital, diante de uma realidade hostil e com recursos escassos.

### **2.1 O flagelo das secas no sertão nordestino**

Os períodos de seca são momentos históricos, políticos, sociais e geográficos do sertão nordestino<sup>7</sup>. As lembranças sobre esse período estão presentes no imaginário popular, mesmo que um determinado sujeito não tenha vivenciado diretamente. Eu, por exemplo, até os onze anos de idade não sabia o que era viver (n)a seca, embora isso não tenha me privado de ouvir histórias e relatos de minha avó – Olindina Fernandes dos Santos –, com quem sempre nutri o interesse de compreender a realidade dos “mais velhos” no passado. Segundo ela, há poucas

---

<sup>7</sup> No período colonial, o termo “sertão” foi empregado para designar as terras ainda não exploradas no interior do país, pouco habitadas e com acesso limitado. Ao longo do tempo, a palavra passa a ser frequentemente utilizada para designar o sertão nordestino. Nas palavras de Barbalho (2005, p. 140), “assim foi sendo criada uma identidade nordestina baseada em adjetivos como ‘miserável’, ‘sofrida’, ‘atrasada’, ‘bárbara’, ‘inculta’ – criação que encontrava reforço em seu contraponto, o Sul, auto-representado como espaço ‘moderno’, ‘civilizado’, ‘progressista’.”

décadas atrás, "não existia nada, nem energia, nem rádio. O que fazíamos era trabalhar, enquanto conversávamos a debulhar o feijão"<sup>8</sup>.

É em 2012 que passo a sentir na pele a seca, embora em um contexto de maior apoio governamental em decorrência de uma série de políticas contra esse fenômeno climático-social-político-econômico. O período foi até 2017 e é considerado a mais longa seca da história do Brasil<sup>9</sup>. O sentimento é de medo, angústia e dor nos olhares desesperançosos que apontavam para um céu limpo, com poucas nuvens e sob o protagonismo do Sol. Se em Fortaleza o astro é sinônimo de orgulho – “Irmã do Sol e do mar”, como diz o hino oficial<sup>10</sup> –, no sertão é um fator que preocupa. Rios, no trabalho “Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932”, diz:

Para o sertanejo, a imagem do sol pode significar o anúncio da morte. Nos anos da seca, o sol do Sertão simboliza tristeza e dor. O sol dos poetas bucólicos – que põe Fortaleza em mística harmonia com a natureza – e o sol dos empresários e jornalistas associados à valorização do turismo – que coloca Fortaleza em sintonia com o progresso – não deixam espaço para o sol do flagelo. Na iluminada Fortaleza, o raio do sol mortificador – traduzido no corpo sofrido do retirante – não é bem-vindo (RIOS, 2001, p. 22).

No entanto, além dos impactos emocionais, a seca – um fenômeno climático potencializado pela ausência ou pouca efetividade de políticas públicas – vitima vidas humanas e não humanas, como a fauna e a flora, além das plantações e rebanhos. Segundo Luciana Brito (2013), Pesquisadora na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), em uma das maiores secas no Ceará – a de 1877 – mais de cento e quarenta mil pessoas morreram de fome e miséria. A região, que é propensa a esse tipo de evento climático, tem registros desde o início da colonização portuguesa no Brasil, como mostram Souza e Medeiros Filho (1983) na obra “Os degredados filhos da seca”. Segundo os autores, há quarenta e uma secas entre os séculos XVI e XX, como mostramos no quadro abaixo.

<sup>8</sup> Conversa realizada em maio de 2021 em sua residência, na zona rural do município de Serra Negra do Norte (RN).

<sup>9</sup> UOL. **Seca de 2012 a 2017 no semiárido foi a mais longa na história do Brasil**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2018/03/03/seca-de-2012-a-2017-no-semiarido-foi-a-mais-longa-da-historia.htm>. Acesso em: 11 nov. 2023.

<sup>10</sup> LETRAS. **Hino de Fortaleza - CE**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/hinos-de-cidades/943225/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Tabela 1 – Cronologia das secas entre os séculos XVI e XIX nas províncias do Norte<sup>11</sup>

Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
1559	1603	1710-1711	1803-1804	1900
1564	1609	1722	1808-1810	1903-1904
1587	1614	1723-1728	1814	1915
1592	1645	1744-1746	1817	1919
	1652	1766	1824-1825	1931-1932
	1692	1777-1778	1833	1942
		1790-1793	1844-1846	1951-1953
			1860	1958
			1869	1966
			1877-1879	1970
			1888-1889	1976
			1898	1979-1982

Fonte: Souza, Medeiros Filho (1983, p.38-39).

Nos interessa, no entanto, contextualizar os períodos de seca de 1877, 1915 e 1931-1932, datas marcantes para o surgimento e consolidação dos Campos de Concentração no estado do Ceará. Isso porque a unidade federativa passou a sofrer com as migrações forçadas dos flagelados, de forma mais intensa, a partir de 1877. Neste período, há também mudanças terminológicas importantes em relação à massa de pessoas que dirigiam-se para a capital do Ceará. Como discutiremos mais adiante, a partir de 1915, deixa-se de mencionar a palavra retirante e passa-se a utilizar flagelado como designação principal aos migrantes<sup>12</sup>. Em

<sup>11</sup> É importante destacar que a divisão geográfica do país passou por diferentes mudanças no passado. Dessa forma, o Nordeste, como o conhecemos hoje, é recente e data do ano de 1969, quando assim foi definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>12</sup> No entanto, se considerarmos os escritos de Rodolfo Teóphilo sobre a seca de 1877-79 ou as publicações de José do Patrocínio na Gazeta e na revista O Besouro, o que temos é um uso anterior dos dois termos a fim de designar situações distintas em que o retirante é um sertanejo em condição migratória que, por sua vez, pode também ser flagelado quando dissociado dos imaginários atribuídos ao ‘homem do campo’ para figurá-lo a partir dos signos de decadência moral.

dicionários, a palavra remete à açoite, tormenta, tortura e é aplicada para se referir a sujeitos que passaram por calamidades ou catástrofes. Está presente também em rituais religiosos (voluntários ou não) e sexuais, como o sadomasoquismo.

Segundo Paulo Cesar Gonçalves (2018), historiador e pesquisador, com o crescimento populacional do sertão ao longo do século XIX, a demanda por água e alimento tornou-se, como consequência, muito maior do que no passado. “Em 1824-1825, especialmente no Ceará, um grande número de retirantes dirigiu-se à capital provocando aglomerações de famintos que, suscetíveis às epidemias como a varíola, sucumbiram” (GONÇALVES, 2018, p. 519). O autor destaca ainda que, apesar das poucas iniciativas governamentais – como a construção de açudes –, o cenário volta a se repetir em outros momentos.

Além disso, as terras, que antes estavam disponíveis para o deslocamento de sertanejos e rebanhos pelo estado, passaram a ser restritas. As áreas próximas ao semiárido eram, naquele momento, ocupadas pela agricultura comercial, somado à valorização das propriedades em decorrência da Lei de Terras de 1850<sup>13</sup> (Gonçalves, 2018). Ainda segundo o autor, o desenvolvimento da agricultura comercial e sedentária trouxe barreiras para a locomoção dos moradores em direção a áreas mais úmidas nos períodos de seca. “Naquele momento, [as terras] encontravam-se ocupadas pela cotonicultura e valorizadas monetariamente” (GONÇALVES, 2018, p. 520).

Já em 1877, como relata Brito (2013), a seca que ocorreu no final do Império devastou o estado e fragilizou ainda mais as condições de vida da população sertaneja. Entre as medidas emergenciais, que se baseavam em teorias sociológicas e científicas, a questão do trabalho se afirma de forma central como elemento moralizador e disciplinador da população, que se orientava rumo ao progresso positivista. “Associado ao momento de recuperação econômica local, a ideia de trabalho como regenerador é largamente difundida. As discussões são incorporadas desde o discurso oficial às manifestações da elite comercial e ao movimento abolicionista nascente.” (BRITO, 2013, p. 122).

Também Pinheiro Neto (2014), na obra “De curral da fome a campo santo: o campo de concentração de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza”, diz que a economia da região era fortemente baseada na agricultura de subsistência e com pouca tecnologia empregada. “Qualquer irregularidade no período das chuvas transforma[va]-se num transtorno humano

---

<sup>13</sup> Em 18 de setembro de 1850, o imperador dom Pedro II assinou a Lei de Terras, por meio da qual o país oficialmente optou por ter a zona rural dividida em latifúndios, e não em pequenas propriedades. Fonte: SENADO, Agência. **Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios>. Acesso em: 11 nov. 2023.

gigantesco” (NETO, 2014, p. 21). De acordo com o Autor, a seca do ano de 1877 foi dramática para o Ceará e provocou uma migração em massa com destino à Fortaleza. As estradas precárias eram percorridas a pé pela população, que residia no interior do estado ou em outras regiões do Nordeste, e chegava à cidade fragilizada, com um quadro de saúde debilitado. Pela primeira vez, os poderes públicos viram a necessidade de uma atuação coordenada que pudesse proporcionar alívio à crise humanitária que tomava forma e complexidade.

Sem qualquer planejamento<sup>14</sup> que visasse o bem-estar dos retirantes, marcados pela dor de deixar suas casas<sup>15</sup>, os dirigentes buscavam estratégias que pudessem atenuar o crescimento habitacional da capital e direcionar os retirantes para obras públicas na periferia, como a construção da Estrada de Ferro de Baturité<sup>16</sup>. A situação financeira da Companhia da Via Férrea de Baturité não ia bem durante o período da seca e, por isso, a obra foi paralisada na altura da Serra de Aratanha, localizada na Região Metropolitana de Fortaleza.

De acordo com Assis e Sampaio (2010: p.83), no trabalho “Pensamento geográfico das secas, dos trilhos e dos braços”, a ocupação dos sertanejos na obra levou ao “controle da força de trabalho; a organização desses trabalhadores ao longo da continuação da via-férrea; o processo de assalariamento de sertanejos que viviam no sertão em dimensões escravas ou livres com trabalhos voltados para a agricultura ou na criação de gado”. Os autores destacam que, na visão do poder público, era estratégico direcionar o restante dos recursos para concluir a linha férrea, optando pela empregabilidade de mão de obra sertaneja. Segundo Neto, 2014 (p. 42), “era fundamental aproveitar a tragédia climática para disciplinar uma população sertaneja submetida a uma outra lógica de trabalho que não a tipicamente capitalista”. Além disso, contribuía para desafogar o adensamento de pessoas em Fortaleza, que chegou a registrar uma população cinco vezes maior que aquela no censo de 1872, quando apontava 21 mil habitantes.

---

<sup>14</sup> Cabe aqui refletir sobre a atuação dos órgãos públicos no combate à seca durante os períodos pesquisados neste trabalho. Assim, quando afirmamos que não houve um planejamento elaborado para subsidiar as populações que vivenciavam o problema, implica-nos pensar que, por outro lado, existiam mecanismos de controle e vigilância sofisticados, como os Campos de Concentração, conhecidos como Currais do Governo.

<sup>15</sup> Os poucos recursos financeiros das famílias já não garantiam qualidade de vida ou segurança financeira. Nos períodos de seca, a situação era ainda mais precária, já que boa parte das pessoas se viam obrigadas a abandonar suas casas em busca de condições mínimas de sobrevivência em cidades mais populosas e menos afetadas pela seca, em obras públicas ou na capital.

<sup>16</sup> “Em 1877 as duas principais opções de trabalho eram o calçamento da cidade e a extensão da Estrada de Ferro de Baturité. No primeiro caso, homens, mulheres e crianças caminhavam alguns quilômetros até a pedreira do Mucuripe e de lá traziam uma pedra” (NETO, 2014, p. 36). Em complemento à descrição deste cenário, Melo (2020) questiona a posição diante da inserção de diferentes grupos etários nas obras públicas, mesmo que estes não estivessem capacitados e em condições de exercer a posição. “Sua condição sertaneja permitia que essa admissão em obras públicas fosse algo natural” (2020, p. 156).

Em 1877, por exemplo, havia mais de 85 mil pessoas, já em março de 1878 eram cem mil e, em setembro, 114 mil<sup>17</sup> (Gonçalves, 2018).

O período é considerado crítico e marcante para as décadas seguintes no Ceará, especialmente pela amplitude do impacto. Gonçalves (2018) destaca que, segundo os dados censitários da província, havia “evidências indiretas da alta taxa de mortalidade e do êxodo populacional durante o período de ocorrência das secas de 1877-1879 e 1888-1889” (p. 522). Nas últimas três décadas do século XIX, o Ceará registrou um crescimento populacional de 17%, a menor taxa do império. Além disso, em 1877, a seca provocou, inclusive, uma crise nas relações de exploração e dominação, “enfraquecendo ou mesmo vitimando grupos dominantes, que se aproveitaram do flagelo para colocar o problema no plano da natureza, afastando explicações residentes no plano social” (GONÇALVES, 2018, p. 533).

Já no ano de 1915, um novo período de seca se avizinhava no Ceará. A situação leva, mais uma vez, à migração em massa para a cidade de Fortaleza em busca de melhores condições de vida e assistência aos retirantes. “Em 23 de março de 1915, apenas quatro dias após o simbólico dia de São José, visto como marco pelo sertanejo para definir se haverá ou não seca, os jornais já anunciavam a chegada dos primeiros retirantes à capital” (NETO, 2014, p. 67).

Desta vez, os sertanejos passaram a utilizar a estrada de ferro construída no fim do século XIX pelos retirantes em outros períodos de seca (1888-1889; 1898; 1900; 1903; 1904). Segundo Neto (2014, p. 48), “sem a necessidade de caminhar centenas de quilômetros durante dias e até semanas, o estado de saúde destes é bem melhor”. Naquele momento, o cenário de obras públicas de combate à seca era mais notável, especialmente devido à construção de reservatórios. Para Neto (2014), é possível inferir que, ao menos no que diz respeito à disponibilidade de recursos hídricos, a situação era mais favorável, ainda que crítica. O surgimento da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), no ano de 1909, ajuda a explicar o tímido planejamento e a execução de obras com maior estudo e pesquisa, que tinham o objetivo de atenuar o impacto das secas.

Por outro lado, o cenário político do estado impactava negativamente o agravamento da seca de 1915. Havia um movimento encampado pelo então presidente da República Hermes da Fonseca (1910-1914) com o objetivo de renovar a política brasileira, na época dominada por setores oligárquicos, e substituir os governos locais por militares de sua confiança. Em 1912,

---

<sup>17</sup> O destino dos flagelados não ocorria ao acaso. Fortaleza era capital da província e, além de concentrar melhores condições de vida, o ciclo do algodão destacou a cidade como o principal centro econômico, político, financeiro e cultural da província. O município de Aracati também era visto com certa relevância, desde o século XVIII, por causa do comércio de charque (Neto, 2014). Lá chegou-se a abrigar, com uma população de cinco mil habitantes, cerca de sessenta mil retirantes (Gonçalves, 2018, apud Girão, 1953).

um conflito entre populares, exército e as forças policiais de Fortaleza, sob o comando do coronel Franco Rabelo, levou à deposição de Nogueira Acioli. O Coronel veio a se tornar governador do Ceará entre julho de 1912 e março de 1914, quando foi deposto por um movimento conhecido como Sedição de Juazeiro. O grupo tinha como lideranças Floro Bartolomeu, Nogueira Acioli e o padre Cícero Romão Batista, o que aguçou ainda mais a crise política na época. “Derrotado, Hermes da Fonseca convoca novas eleições, vencidas por Benjamim Barroso, que tinha como vice o Padre Cícero” (NETO, 2014, p. 50).

Outro fator, de ordem econômica, segundo Neto (2014), foi o surgimento das “Sociedades do Pecúlios Imediatos”, que consistiam na arrecadação de depósitos em dinheiro com a promessa de render, em 30 dias, uma quantia até 10 vezes maior do que o valor investido. “A notícia dos vultosos ganhos efetivamente pagos se espalha, mais pessoas vão aderindo e o ciclo se repete de forma exponencial, até o momento em que o modelo atinge a exaustão por falta de pessoas dispostas a subscrevê-lo”, (NETO, 2014, p. 51). Segundo o autor, a crise das chamadas “solidarísticas” levou a um impacto negativo em diferentes camadas da população.

Além disso, a seca de 1915 ocorreu em meio à crise gerada pela Primeira Guerra Mundial – guerra que, vale lembrar, o Brasil foi o único país da América Latina a se envolver, embora com uma participação militar inexpressiva. No entanto, para Neto (2014, p. 53), “os países envolvidos na grande guerra na Europa pareciam despertar mais a solidariedade e a atenção dos jornais da capital federal e da diplomacia brasileira do que o flagelo a que estava submetida a população nordestina”.

Segundo o Pesquisador, os pedidos de ajuda enviados pelos governos locais foram sucessivamente ignorados pela instância federal, “muito mais preocupado com a contenção de gastos e a saúde financeira dos cofres públicos do que com a vida dos miseráveis que padeciam nos rincões do país” (NETO, 2014, p. 53). É também na seca de 1915 que há uma mudança terminológica em relação aos próprios retirantes. “A partir de 1915 eles são ‘flagelados’, a indicar não uma opção de quem muda de lugar, mas a situação de vítima de um flagelo, algo exterior a todos sem distinção, pertencente ao domínio do imponderável” (NEVES, 1995, p. 105).

Ainda segundo Neves (1995), no artigo “Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932)”, uma nova seca afetou o Ceará, desta vez em 1919, embora em menores proporções. Para o Pesquisador, apesar das greves de trabalhadores da *Ceará Tramway, Light & Power Co.* nos anos de 1917, 1918 e 1929, “o período que se seguiu foi de relativa paz urbana, o que talvez tenha levado as autoridades a procurarem soluções menos radicais para enfrentar estas novas migrações internas” (NEVES, 1995, p. 106).

No entanto, em 1932, o Ceará passa a novamente registrar uma nova leva de flagelados que migram em direção à capital. “Em janeiro de 1932, os retirantes começaram a chegar até Fortaleza. Outros resolveram aguardar até o dia 19 de março, apelando para São José como última esperança de inverno” (RIOS, 2001, p. 10). A principal rota utilizada pelos sertanejos era, mais uma vez, a Estrada de Ferro de Baturité, que passava pelas maiores cidades do Sertão Central indo até o Vale do Cariri, onde se localizam as cidades de Juazeiro do Norte e Crato. Segundo Rios (2001), os chamados pontos de trem se transformaram em lugares de grande tensão, com a presença de um número significativo de flagelados em busca de passagens para a cidade de Fortaleza. Diferente da seca de 1877, quando todo o trajeto era feito em caminhada, agora os retirantes se deslocavam de trem até a capital, o que garantia um maior número de pessoas, já que a possibilidade de mortes durante o trajeto era menor.

Na época, a burguesia e os capitalistas industriais viam com bons olhos a expansão da ferrovia e a modernização do estado. Ainda assim, tais políticas traziam, como consequência para a classe dominante, uma maior conexão entre o sertão e a capital. “O interesse era [...] consolidar cada vez mais o capitalismo em Fortaleza, no entanto a estrada de ferro trazia, também, a miséria que se queria longe da capital” (RIOS, 2001, p. 16). De acordo com a Pesquisadora, os ditos flagelados que não possuíam parentes chegavam sem rumo à cidade e pediam esmolas nas casas mais ricas. Além disso, buscavam a imprensa para registrar os seus pedidos por verem nos jornais um poder público mais acessível aos empobrecidos (RIOS, 2001). “Por outro lado, o jornal se aproveitava disso para fortalecer politicamente o grupo que representava. O discurso católico de valorização do indivíduo era largamente utilizado no jornal O Nordeste” (RIOS, 2001, p. 17).

Ainda na capital, a mão de obra dessas pessoas foi utilizada com o objetivo de desenvolver o espaço urbano, especialmente para a construção de projetos financiados pelo governo federal em Fortaleza. “Apesar da cidade viver uma seca intensa, os jornais construíram a imagem de que a capital estava rapidamente se modernizando em relação às demais na região” (RIOS, 2021, p. 23).

Desse modo, é certo que as políticas governamentais não se limitaram apenas ao direcionamento da massa dos chamados flagelados para obras públicas, como já relatamos ter ocorrido em 1877, 1915 e 1932. Controlar e disciplinar uma massa de retirantes, que percorria diferentes partes do estado com o objetivo de chegar à capital, exigia ações mais amplas e duras de contenção e vigilância. Assim, em meio à ausência de políticas públicas efetivas no contexto de um descaso histórico com o desenvolvimento do sertão nordestino, surgem – como alternativa paliativa de controle – os Campos de Concentração.

## 2.2 Os Campos de Concentração no Ceará e a vigilância dos corpos flagelados

Embora procurasse conter a massa de retirantes<sup>18</sup> que partiam do sertão cearense – e até de outros estados – para Fortaleza, as alternativas encontradas pelo poder público estadual não foram suficientes para estancar a vazão de flagelados que migravam, forçosamente, de seus territórios. Durante a seca de 1877, o governo permitiu a construção de abarracamentos em diferentes pontos da cidade, de forma aleatória, muito mais orientado pelo fluxo migratório dos retirantes – que chegavam de diferentes pontos do estado – do que nas técnicas urbanísticas e higienistas influentes naquele tempo (Neves, 1995).

Silva e Montebello (2018) destacam que, no período de 1877-1879, a seca designa um problema biopolítico do governo em relação à vida enquanto uma questão que se relaciona com a problemática da cidade, dos espaços e dos elementos. Uma interpretação diferente da que passou a ser comum a partir das experiências de 1915 e 1932 com a implementação direcionada de Campos de Concentração, que tinham o objetivo de confinar os flagelados. Na visão dos autores, a seca produz “saberes e poderes” em direção à vida e aos corpos, etiquetados enquanto válidos (aptos para o trabalho) e inválidos (que se direcionam ao assistencialismo).

O programa biopolítico que é implementado no Ceará diretamente atrelado ao fenômeno climático regional e cíclico da seca, desde 1877, reveste-se de política de controle populacional, não apenas administrando e redirecionando os fluxos migratórios, mas também produzindo e aperfeiçoando saberes e poderes técnicos de governo, institucionalmente arquitetados, da saúde pública, da assistência social, da criminologia, do controle e repressão policial, do planejamento familiar, do urbanismo e até da construção civil e transporte, dentre outros (SILVA, MONTEBELLO; 2018, p. 72).

De acordo com Neto (2014), o termo “Campo de Concentração” surgiu inicialmente no fim do século XIX na África do Sul no contexto da Guerra dos Bôeres. Tropas inglesas implementaram essa técnica de confinamento com o objetivo de manter e vigiar prisioneiros de guerra. “Alguns anos depois, na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em período que coincide com o ora estudado (1915) estes foram novamente adotados com o mesmo propósito de confinar prisioneiros, tropas e suprimentos no teatro de operações europeu” (NETO, 2014, p. 17).

Ainda segundo o Pesquisador, há uma perceptível ausência de planejamento durante a seca de 1915 em relação à Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS). “Se por um lado o

---

<sup>18</sup> Neves (1995) explica que a noção de retirante, aquele que se desloca de sua moradia de origem durante os períodos de seca, é uma “objetivação, uma definição do saber que se generaliza como se fosse da natureza das coisas” (p. 94). Posteriormente, utiliza-se o termo flagelado, termo já debatido nas páginas anteriores.

Governo Federal criou a Comissão de Obras Novas, com a missão de dar trabalho aos retirantes e possibilitar a fixação dos mesmos no sertão, por outro lado continuou custeando passagens para os que quisessem emigrar” (NETO, 2014, 67). Essa decisão levou ao protesto do Presidente do Estado, Benjamin Liberato Barroso, além da bancada cearense no Congresso Nacional.

Portanto, é em 1915, com um novo contexto político local, que as autoridades governamentais e a elite econômica de Fortaleza dão origem ao Campo do Alagadiço, localizado onde hoje é o bairro São Gerardo. Para Neves (1995) havia um aformoseamento da cidade de Fortaleza com inspirações nas grandes cidades europeias, como Paris, embora essas políticas se chocassem com a “estética do grotesco” trazida pelos flagelados. “O dispositivo do isolamento pareceu a estas elites a única alternativa capaz de evitar o pânico e a desordem, assim como poderia permitir o prosseguimento da caminhada modeladora rumo ao progresso”<sup>19</sup> (Neves 1995, p. 104).

Neves (1995) conta que a própria Estação de Ferro de Baturité funcionava como uma antessala do campo de concentração, facilitando o acesso dos flagelados e impedindo a circulação pelas ruas da cidade. Já Neto (2014) diverge desta afirmação, uma vez que, em sua pesquisa, afirma não haver informações claras e precisas sobre como era feito o desembarque na estação de trem e o transporte até o Campo do Alagadiço. Para o Pesquisador, fragmentos de matérias jornalísticas e fotos ajudam a contextualizar a maneira como os retirantes eram recebidos na cidade. “Aparentemente, estes desembarcavam na estação João Felipe da Estrada de Ferro de Baturité [...] onde eram registrados e passavam por uma triagem. Em seguida eram conduzidos provavelmente em caminhões da IOCS e do governo estadual até o Alagadiço.” (NETO, 2014, p. 86).

Foram concentradas, inicialmente, três mil pessoas, embora o Campo de Concentração do Alagadiço tenha registrado, de acordo com Neves (1985), permanentemente, cerca de oito mil retirantes. “Cedo mostrou-se incapaz de corresponder às expectativas de seus idealizadores e da população da cidade” (NEVES, 1995, p. 97). O processo de confinamento e vigilância no Alagadiço recebeu tanta importância que havia instalações com energia elétrica. “Era preciso ver com clareza: vigiar. Em Fortaleza, a luz elétrica só começaria a chegar em 1933” (SILVA, MONTEBELLO; 2018, p. 72). Por outro lado, as condições sanitárias do Campo de

---

<sup>19</sup> Havia também um temor em relação à contaminação de doenças e epidemias, comuns na época. Segundo Neto (2014), a intenção era manter os flagelados longe e isolados do contato com a população de Fortaleza. Acreditava-se que os corpos dos retirantes poderiam se tornar focos de contaminação, além das práticas higiênicas dos sertanejos serem consideradas atrasadas e incompatíveis com o cotidiano da capital.

Concentração, que recebeu o apelido de “Curral do Governo”<sup>20</sup>, eram péssimas. “Os números da morte também se concentraram: em geral, era mais fácil morrer no campo do que fora dele” (NEVES, 1995, p. 100).

Figura 1 – Alojamento de retirantes



Fonte: Museu Ferroviário (2023)

Já em 1932, com uma nova seca se avizinhandando, os órgãos públicos pareciam estar mais preparados e com maiores e melhores instrumentos de planejamento urbano, ainda que orientados a partir de visões que buscassem isolar e conter os retirantes. A seca de 1932 acontece após as políticas de modernidade e aformoseamento, que passaram a fazer parte da realidade urbana de Fortaleza, em um contexto sócio-cultural bastante diverso (Neves, 1995). Segundo Neves (1995), há o desenvolvimento de novas técnicas de produção e de uma mentalidade racionalizadora que otimizava o trabalho, mas também a educação e as políticas sociais.

---

<sup>20</sup> Embora a origem etimológica da palavra não seja tão clara, o significado e a aplicação no cotidiano já remetem o curral a um ambiente de confinamento, controle e encurralamento. A própria designação dos Campos de Concentração como “Currais do Governo” já traz a dimensão das condições degradantes e desumanas desses ambientes.

Havia também uma centralização institucional com a Revolução de 1930<sup>21</sup>, favorecendo estratégias que facilitaram a mobilização de setores e agências governamentais conjugadas. O interventor do Ceará na época, Capitão Carneiro de Mendonça, cria o Departamento das Secas e passa a atuar com o Ministério da Viação e da Interventoria, além da parceria com a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS). Neves (1995) explica que, apesar (e por causa) do despreparo da IFOCS, os Campos de Concentração passaram novamente a ser mobilizados no Ceará.

Segundo sua pesquisa, em 1932 a construção dos campos foi orientada pela localização estratégica, a fim de evitar a migração dos flagelados até à capital e às aglomerações urbanas, além da conexão com as obras públicas, que deveriam ser o princípio fundamental naquele momento. Por outro lado, embora buscassem evitar a proximidade com grandes concentrações urbanas, os Campos de Concentração chegaram a confinar cerca de 105 mil pessoas em 1932 (Neves, 1995)<sup>22</sup> e nove mil sertanejos em Fortaleza na seca de 1915 (Neto, 2014)<sup>23</sup>. O contingente de pessoas em 1932 constitui “populações maiores que praticamente todas as cidades cearenses no período, excetuando a capital” (NEVES, 1995, p. 110).

Neste momento, foram construídos Campos de Concentração em Ipu, Quixeramobim, Senador Pompeu (Campo do Patu), Cariús, Crato (Campo do Buriti) e dois em Fortaleza (o Campo do Urubu, no bairro do Pirambu, e o Campo do Matadouro, no bairro Otávio Bonfim). No entanto, com apenas um mês de funcionamento, os Campos de Concentração já apresentavam uma quantidade elevada de sertanejos, como mostramos na tabela abaixo.

Tabela 2 – Número de flagelados nos Campos de Concentração no primeiro mês de funcionamento

Ipu	Quixeramobim	Senador Pompeu	Cariús	Crato	Fortaleza
-----	--------------	----------------	--------	-------	-----------

<sup>21</sup> Movimento armado que culminou em um Golpe de Estado e na deposição do presidente Washington Luís, impedindo a posse do presidente eleito Júlio Prestes, pondo fim à República Velha no Brasil.

<sup>22</sup> O autor explica ainda que só o Campo do Buriti (Crato) chegou a abrigar até 60 mil pessoas. A explicação se deve à proximidade com o município de Juazeiro do Norte, onde as romarias em devoção ao Padre Cícero cresciam. Segundo Neves (1995), o Campo do Buriti possuía um fator político que o diferenciava dos demais. O confinamento dos sertanejos competia, em termos de assistencialismo, à comunidade do Caldeirão, organizado sob a liderança do Beato José Lourenço. Essa experiência cooperativista, que se assemelhava a Canudos e ao Contestado, foi desmantelada pela polícia em 1936 e chegou a abrigar cerca de 500 pessoas. A comunidade representava um espaço para os retirantes que não envolvia doenças, humilhações ou trabalho excessivo. Por outro lado, “os meios de comunicação e transporte, além dos mecanismos informais de indução das correntes de migração, fizeram do ‘currado do Buriti’ o centro de assistência aos flagelados de toda a região do Cariri, desconhecendo a existência do Caldeirão, o que, aliás, possivelmente salvou a comunidade de uma desestruturação geral de sua economia, em um momento tão delicado pela invasão de milhares de camponeses famintos e sem qualquer recurso se não a própria força de trabalho” (NEVES, 1995, p. 109-110).

<sup>23</sup> Número divergente com o apontado por Neves (1995), que afirma serem oito mil pessoas confinadas no Campo do Alagadiço.

6.507	4.542	16.221	28.648	16.200	1.800
-------	-------	--------	--------	--------	-------

Fonte: RIOS, 2001, p. 58

As condições nesses lugares, no entanto, eram precárias e pouco favoráveis à sobrevivência. “Os Campos de Concentração funcionavam como uma prisão. Os que lá chegavam não podiam mais sair” (RIOS, 1999, p. 217). De acordo com Rios (2001), entre abril de 1923 e março de 1933, cerca de 1.000 pessoas faleceram apenas no Campo de Concentração de Ipu. Para falar dos sistemas de dominação e controle, que estavam presentes nos Campos de Concentração, especialmente na seca de 1932, recorreremos aqui ao que diz Michel Foucault (1988), com especial atenção às suas contribuições sobre o funcionamento dos sistemas de vigilância e subordinação – realidade dos Campos de Concentração, que também coexistiam com a necessidade dos flagelados em encontrarem alimento e emprego durante um contexto de superexploração da força de trabalho. Não só isso, em muitos momentos eles funcionaram como dispositivos de produção da morte, tendo em vista a quantidade de pessoas que perderam a vida nestes ambientes. Assim, Foucault (1988) menciona que as relações de poder exercem um alcance imediato sobre o corpo. Diante do recorte desta monografia, podemos associar a afirmação anterior com os sujeitos presentes neste estudo: nordestinos e marginalizados que habitavam a periferia do Brasil, que por sua vez se estabelece, nas primeiras décadas do século XX, na periferia do capitalismo mundial. De acordo com Foucault, na obra *Vigiar e Punir*: “[as relações de poder] o investem [o corpo], o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1988, p. 29). Não por acaso, os ditos flagelados estiveram à mercê de conjunturas políticas e da atuação do Estado diante da crise, responsável pelas medidas desastrosas já vistas aqui.

Além disso, Kênia Rios (2001) chegou ainda a entrevistar sobreviventes dos Campos no Ceará e reuniu relatos de abusos e condições de trabalho debilitantes. “D. Maria de Jesus, que esteve por cinco meses na Concentração de Senador Pompeu, comenta que os rapazes deixavam que seus cabelos fossem raspados temendo o confinamento no ‘sebo’<sup>24</sup>.” (RIOS, 2001, p. 61). No entanto, era comum que os sertanejos recitassem cantigas e repentes, além de dançarem e tocarem instrumentos. “Como lembra o Sr. Francisco Lima: ‘a gente sempre dava um jeitinho de animar aquela vida difícil.’” (RIOS, 2001, p. 69).

Embora os rituais do catolicismo não fossem um hábito comum na vida dos sertanejos que habitavam as regiões mais afastadas do estado, a fé e práticas religiosas se uniam na busca

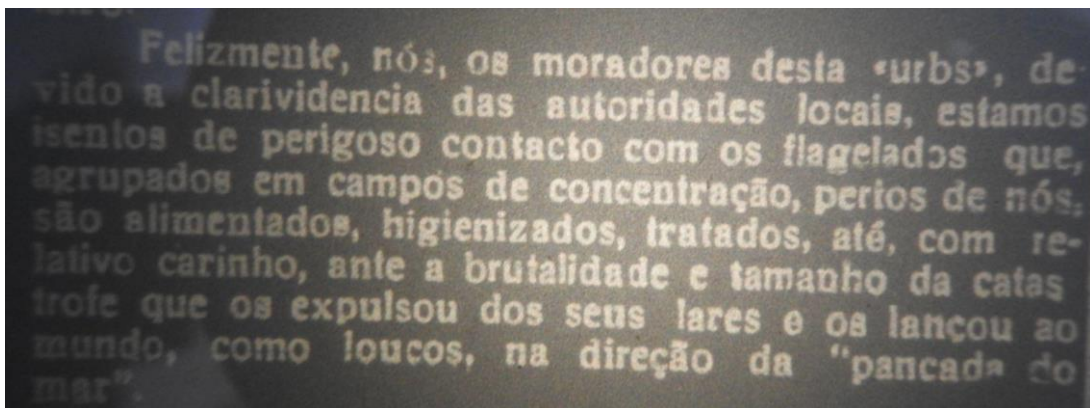
---

<sup>24</sup> O "sebo" era um espaço dentro dos Campos de Concentração do sertão cearense utilizado para castigo e punição exemplar dos flagelados. Descrito como um cercado de madeira alto e seguro, servia como uma espécie de prisão para desordeiros, segundo relatos de sobreviventes

pela superação da seca. Para Martins (2015), “outras práticas de culto, não oficiais, tomavam lugar no universo religioso dos retirantes, visto que a ‘ordem’ ali exercida possibilitava outras conformações que não apenas aquela da religiosidade católica” (p. 65).<sup>25</sup>

Viana Coelho (2021), no texto “Herança material e simbólica dos campos de concentração no Ceará”, faz coro aos relatos sobre a situação dos retirantes nos Campos de Concentração e conta que havia condições precárias de higiene, exposição a doenças e fome, gerada pela má qualidade da alimentação.<sup>26</sup> Apesar da realidade cruel, a política dos Campos era bem vista na cidade de Fortaleza, que há décadas enfrentava levas de flagelados. Nos jornais, cidadãos relatavam uma maior tranquilidade na cidade e afirmavam que os retirantes estavam em um lugar digno, onde eram ‘alimentados, higienizados e tratados com relativo carinho’ (Rios, 2001)<sup>27</sup>.

Figura 2 – Trecho de notícia do jornal O Povo de 17 de maio de 1932



Fonte: Biblioteca Estadual do Ceará (BECE) (2023)<sup>28</sup>

<sup>25</sup> Os rituais de devoção no catolicismo popular são frequentes, especialmente nas regiões do interior do país. Dessa maneira, assim como os ditos flagelados preservavam outras formas de cultos não oficiais, os sertanejos alimentaram a devoção aos retirantes que morreram na seca de 1932 em Senador Pompeu. Peregrinações, promessas, rezas e pedidos às Santas Almas da Barragem são rotineiros e surgiram nas comunidades que viviam nas proximidades do município. É sobre essas particularidades que nos debruçaremos nos capítulos seguintes na tentativa de discutir as íntimas relações entre a religiosidade e o lúdico.

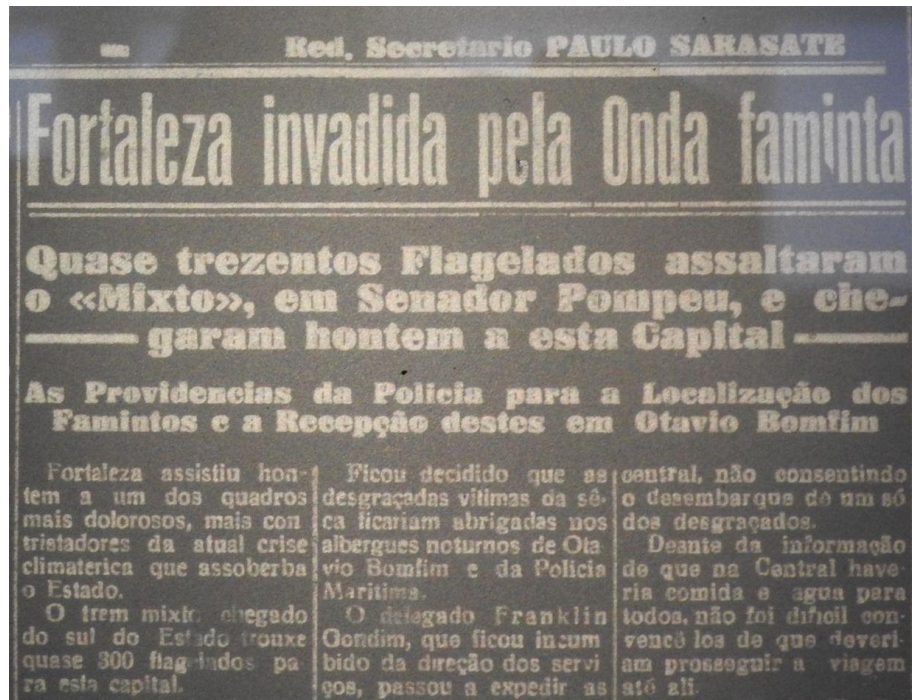
<sup>26</sup> Por outro lado, Rios (2001) menciona que os flagelados com melhor adaptação à realidade nos Campos de Concentração recebiam um melhor tratamento. Melo (2020, p. 53) acrescenta que, “dessa forma, a legitimidade da ação só foi posta em prática porque havia alguns sertanejos que acabaram por aceitar e se adequar ao modelo dos campos imposto pelo governo federal e pelos municípios.”

<sup>27</sup> Rios (1999) relata que os Campos de Concentração em Fortaleza (no Pirambu e no Otávio Bonfim) foram os que melhor cumpriram o papel de exercício do poder disciplinar. Por abrigarem uma menor quantidade de flagelados, os administradores poderiam dedicar maior atenção ao funcionamento dos espaços e, assim, construir uma imagem positiva e satisfatória dos Campos de Concentração. Além disso, a presença da imprensa, que se concentrava de forma mais efetiva na capital, é um fator importante, já que manter os Currais do Governo em boas condições evitaria a produção de reportagens e matérias jornalísticas de teor negativo. É possível que esses fatores contribuam para elucidar a defesa dos Campos por parte da população, embora não seja sua única causa.

<sup>28</sup> As imagens de notícias nesta monografia se devem à pesquisa no arquivo público da Biblioteca Estadual do Ceará (BECE). Foram utilizadas matérias do jornal O Povo do ano de 1932, já que é o único periódico disponível para acesso na hemeroteca da instituição que retrata notícias dessa época.

“Os enunciados revelam o pavor que já existia na cidade, entretanto apontavam, também, para uma significativa contribuição desses jornais na produção do pânico. O texto jornalístico não apenas dava a notícia, mas também alimentava sentimentos de medo” (RIOS, 2001, p. 23).

Figura 3 – Notícia do jornal O Povo de 09 de abril de 1932



Fonte: Biblioteca Estadual do Ceará (BECE) (2023)

Apesar da ojeriza e rejeição aos flagelados pela elite de Fortaleza, a Pesquisadora mostra que havia um intenso uso da mão de obra dos retirantes da seca em projetos de construção civil financiados pelo governo federal em Fortaleza. Rios (2001) explica ainda que os flagelados que permaneciam na cidade construía-  
casas e pequenos casebres próximos ao mar, constituindo as primeiras favelas de Fortaleza, que posteriormente se transformaram em bairros, como o Pirambu.

Figura 4 – Campo do Urubu, no bairro do Pirambu, em Fortaleza



Fonte: Acervo Valdecy Alves

Na avaliação de Leda Melo (2020), no trabalho “O controle do espaço do sertão: os campos de concentração do Ceará na seca de 1932”, os Campos de Concentração são fruto de um imaginário político nacional – constituído nas regiões Sul e Sudeste – sobre o que era ser um sertanejo e viver nas terras do sertão nordestino. “Por sofrerem diversos estigmas ao longo dos séculos, muitas vezes os sertanejos foram tidos como homens incivilizados, comparados com os povos do litoral, viviam sob a égide da dicotomia litoral (moderno) versus o sertão (atrasado)” (MELO, 2020, p. 102).

Da mesma forma, a autora destaca que as diferentes categorias que ajudaram a constituir a identidade dos corpos que formaram e ocupam o sertão (o sertanejo, o posseiro, o meeiro, o camponês, o vaqueiro, entre outras) foram concebidas em contextos de racialidade, como o encontro do índio com o negro, do português com o negro e com o índio e a mestiçagem. “As diversas formas de entender essas localidades ainda estavam inseridas numa construção discursiva de inferioridade e superioridade racial. Mesmo que o sertanejo não seja obviamente uma raça, ele está pensado dentro desta categoria” (MELO, 2020, p. 156).

Dito isso, nosso trabalho busca analisar os elementos simbólicos que constituem a devoção popular às chamadas Almas da Barragem. Assim, nosso objetivo é investigar as interseções entre mídia secundária<sup>29</sup> e peregrinação, assim como a construção de imagens endógenas<sup>30</sup>, conceitos que serão discutidos com mais vagar no capítulo três no percurso de

<sup>29</sup> As mídias primária e secundária são conceitos do jornalista e Pesquisador alemão Harry Pross. Para ele, o corpo humano é dotado de elementos naturais que constituem trocas comunicativas por meio da fala, dos gestos e outros recursos corpóreos (mídia primária). Não só isso, também utilizamos vestimentas, adereços e objetos que contribuem para atender aos princípios comunicativos de uma determinada mensagem (mídia secundária). Este tema será explanado no capítulo três.

<sup>30</sup> Nesta monografia, apoiamo-nos nos estudos do historiador de arte alemão especialista em teoria da imagem e arte contemporânea Hans Belting. Ele afirma que além das imagens físicas e visíveis (ou exógenas), o corpo

devoção aos flagelados da seca na Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE. Dessa forma, antes de partirmos para o próximo tópico, entendemos a importância de contextualizar a cidade de Senador Pompeu e o Campo do Patu, que é o único do estado a preservar parte das estruturas físicas que restaram do ano de 1932.

O Campo do Patu, como foi batizado, aproveitou as construções da vila operária criada para as obras de construção da chamada Barragem do Patu, que haviam sido interrompidas anos antes pela Inspeção de Obras Contra as Secas (IFOCS)<sup>31</sup>. O Campo chegou a confinar cerca de 20 mil pessoas em maio de 1932 (Neves, 1995) e era formado por um complexo constituído originalmente por nove residências (casa dos apontadores, dos engenheiros e do engenheiro-mor), um hospital, uma estação ferroviária, além de um armazém, uma oficina, uma casa de geração de energia, dois locais para armazenamento de pólvora e uma vila operária composta por aproximadamente duzentas casas de taipa<sup>32</sup>. Segundo Coelho (2021), os retirantes foram alocados nas casas construídas para os operários da obra. Apesar disso, o crescimento populacional do Campo obrigou as famílias excedentes a se alojarem em barracos improvisados. Já a casa do engenheiro-mor se tornou um ponto de administração do Campo do Patu e responsável pela distribuição dos alimentos.

Figura 5 – Antiga casa do engenheiro-mor, Senador Pompeu, Ceará



Fonte: Isabelle Viana (2018)

também produz imagens na forma de sonhos, alucinações ou da nossa imaginação. O conceito de imagem endógena e imagem exógena é assunto do tópico dois do capítulo três.

<sup>31</sup> As obras do açude tiveram início no ano de 1921, mas logo em 1923 foi paralisada por ordem do presidente Arthur Bernardes, assim como outras obras na região Nordeste. O projeto foi concluído, de forma definitiva, em 1987. DNOCS. **A saga da construção da Barragem do Patu**. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/a-saga-da-construcao-da-barragem-do-patu>. Acesso em: 11 nov. 2023.

<sup>32</sup> É difícil precisar o número exato das casas de taipa no Campo do Patu. Uchoa e Filho (2013) mostram que havia, na verdade, quinhentas casas, um número mais de duas vezes maior que o relatado por Coelho (2021). A quantidade de residências, portanto, é incerta, embora – não importa o número – se mostravam insuficientes para atender às demandas dos flagelados que chegavam à cidade.

No início de 2017, o Ministério Público no Ceará (MPCE) e a Prefeitura de Senador Pompeu firmaram um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) a fim de possibilitar o tombamento do sítio arquitetônico da Barragem do Patu, da Vila dos Ingleses, do Cemitério e do Campo de Concentração do Patu, além do registro do bem imaterial da Caminhada das Almas. Recentemente, no ano de 2022, o tombamento definitivo do Sítio Histórico do Patu foi aprovado em uma reunião extraordinária do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará (Coepa)<sup>33</sup>.

Os resquícios do Sítio Histórico do Patu são hoje importantes para a manutenção da memória dos Campos de Concentração no Ceará. Além disso, a devoção às Santas Almas da Barragem<sup>34</sup>, que potencializou o surgimento da Caminhada da Seca, contribui para manter vivo no imaginário popular o período de seca e sofrimento que solapou o município de Senador Pompeu, além servir como instrumento de reivindicação de políticas públicas e fortalecimento da fé dos sertanejos que rogam por dias melhores.

### **2.3 Caminhada da Seca e a devoção popular às Santas Almas da Barragem**

Conservar rituais e práticas religiosas, especialmente do catolicismo popular, resguardam atitudes de fé e devoção que ultrapassam o tempo cronológico e as mudanças culturais das grandes cidades. É comum, por exemplo, que as casas no interior do sertão – ainda mais nas zonas rurais – sejam decoradas com fotografias, imagens e objetos que representam santos e símbolos que remetem ao cristianismo. Assim, os simbolismos e as cosmologias de vida se constituem a partir de um contexto particular e característico do semiárido. Não fogem à minha memória, por exemplo, as fogueiras que celebram Santo Antônio, São João e São Pedro, que ocorrem respectivamente nos dias treze, vinte e quatro e vinte e nove de junho.

No mesmo caminho, assim como os flagelados nos períodos de seca extrema, espera-se ansiosamente que o dia dezenove de março (data que se comemora São José) renda índices pluviométricos positivos, sinal de que um bom “inverno” se avizinha. Em cada residência do sertão, localizado por trás da porta – geralmente da sala – uma pequena cruz feita com palha de carnaúba – uma planta nativa local – simboliza a proteção da residência, como nos períodos de

<sup>33</sup> NORDESTE, Diário do. **Sítio do Patu, campo de concentração que abrigou retirantes no Ceará, é tombado.** Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/sitio-do-patu-campo-de-concentracao-que-abrigou-retirantes-no-ceara-e-tombado-1.3265319>. Acesso em: 12 nov. 2023

<sup>34</sup> Segundo Martins (2015), não há evidências seguras que ajudem a precisar o porquê da utilização deste nome, tampouco a autoria e o momento em que o termo passou a fazer parte do imaginário popular. No entanto, essa é uma das formas mais recorrentes de identificação dos mortos no Campo de Concentração do Patu e, por isso, é mais comumente utilizada.

incidência dos redemoinhos<sup>35</sup>. Segundo as crenças locais, a cruz precisa ser benzida no período da Semana Santa por um padre.

Figura 6 – Cruz produzida a partir de palha de carnaúba



Fonte: Canal 'Sou da Raça Nordestina'/YouTube

Essas e outras narrativas do povo sertanejo constituem um cenário favorável e acolhedor à devoção. Isso porque a região é marcada historicamente pelas secas e ausência de políticas públicas à população empobrecida. Por isso, se ater a esses elementos traz acolhimento e fortalece as crenças religiosas. Segundo Rios (1999), atos semelhantes a esses eram praticados no sertão do Ceará, especialmente nos períodos de seca. “Realizar procissões, promessas ou roubar a imagem do santo da Igreja e só devolvê-la com a chegada das chuvas eram práticas de fundamental importância nas estratégias de combate à seca” (RIOS, 1999, p. 220). A Pesquisadora lembra ainda que enfrentar os períodos de ausência de chuvas não remetia apenas em pôr fim àquela realidade, mas “dar um sentido plausível para essa estiagem ou para o ritual que produziu ou não o efeito esperado [...], que trouxe ou não a dádiva das chuvas (RIOS, 1999, p. 221).

Assim, o caminho mais comum era solicitar ajuda a um intermediário entre Deus e os homens. Segundo Rios (1999), em “A cidade do Sol à sombra do flagelo”, é possível identificar três tipos principais de mediadores: os santos da proteção, os curandeiros e os rezadores. É

<sup>35</sup> Os redemoinhos são ventos em espiral formados pela convecção do ar, em dias quentes, sem ventos e de muito sol. No sertão, é comum ocorrerem em períodos de seca ou longa estiagem.

frequente também que cada sertanejo seja devoto de um santo, seja pelo que ele representa ou por uma trajetória pessoal de vida. De acordo com Rios (1999), o santo é um padrinho ou protetor que deve atender aos pedidos de um fiel, embora nem sempre isso aconteça, o que se justifica, na visão dos religiosos, pela preponderância dos pecados em barrar uma graça que se busca alcançar.

Rituais como esse potencializaram a santificação popular das Almas da Barragem na cidade de Senador Pompeu. O município, que se localiza na região do Sertão Central, constitui a microrregião do Sertão de Senador Pompeu e a mesorregião dos Sertões Cearenses. Além disso, ocupa uma posição privilegiada no estado por se interligar a diferentes rotas no Ceará<sup>36</sup>. A população atual do município é de 24.266 pessoas, que possui divisas com as cidades de Quixeramobim, Milhã, Dep. Irapuan Pinheiro, Piquet Carneiro, Mombaça e Pedra Branca.

Na avaliação de Coelho (2021), os sobreviventes do flagelo das secas, seguindo a tradição católica, estabelecem uma relação de devoção, dando início à santificação popular das Almas da Barragem. “Os devotos acreditavam que o povo que sofreu seria um caminho de intercessão a Deus” (COELHO, 2021, p. 257). Assim, em 1973 – quarenta anos após o fim do Campo de Concentração do Patu – o Cemitério da Barragem<sup>37</sup> é erguido em memória aos flagelados mortos durante a seca de 1932. Por serem enterrados em valas comuns e sem identificação, não se sabe ao certo os lugares exatos em que os retirantes tiveram seus corpos despejados. Ainda assim, o Cemitério da Barragem é um monumento que preserva e mantém viva a memória das batalhas pela sobrevivência que foram ali travadas.

É nesse contexto social, político e religioso que se constitui a Caminhada das Almas ou Caminhada da Seca<sup>38</sup>. A romaria popular, que se nutre das crenças às Almas da Barragem desde o fim do Campo de Concentração do Patu, é um espaço de devoção e construção da memória coletiva dos flagelados da Seca. Sua catalização ocorreu no ano de 1982 quando o padre italiano

---

<sup>36</sup> As primeiras informações oficiais sobre o município são do século XVIII, quando os colonizadores Tomé Calado Galvão e Nicolau de Souza obtiveram terras a partir da doação de sesmarias. A região foi tornada vila em 1896, por meio da Lei nº 332, de 3 de setembro, e elevada à categoria de município conforme a Lei nº 659, de 22 de agosto de 1901. Além disso, a toponímia do município homenageia o padre Tomaz Pompeu de Souza.

<sup>37</sup> De acordo com Martins (2015), o cemitério foi edificado em uma área quadrangular, com aproximadamente 1089m<sup>2</sup>, além de uma pequena capela ao centro cercada por um muro de alvenaria, construído na década de 1980 em substituição à cerca de madeira que delimitava o local desde 1973, quando o cemitério foi erguido. Segundo o Pesquisador, outras alterações, como um Cruzeiro sob encomenda da Igreja – que substituiu outro fincado por um romeiro em pagamento de promessa – são observadas desde que a Paróquia de Nossa Senhora das Dores assumiu a gerência do local.

<sup>38</sup> A cada ano a Caminhada possui uma reivindicação religiosa-política-popular como tema do percurso até o Sítio Histórico do Patu. Em 2023, durante a 41ª edição, a Paróquia de Nossa Senhora das Dores destaca que a romaria tem, como objetivo, lutar “pela preservação da memória, da história, por justiça social e pelas Santas Almas da Barragem do Patu”.

Albino Donatti<sup>39</sup> chega à cidade de Senador Pompeu – em 1980 – transferido do município de Iguatu (Silva, 2017). Donatti, que era ligado à Teologia da Libertação, foi escuta atenta aos diversos relatos de milagres e histórias sobre o Campo de Concentração, o que contribuiu para que a paróquia de Senador Pompeu passasse a organizar a peregrinação. Além disso, os anos de 1979 a 1983 foram marcados por uma das secas mais severas, vitimando cerca de 5 milhões de pessoas (Silva, 2017).

Desse modo, a população vivenciava mais um período do fenômeno climático-geográfico-político-social já tão habitual, que sem dúvidas contribuiu para potencializar as reivindicações populares na Caminhada da Seca. Sobre isso, “esse ponto é crucial para entender a ação dos grupos dentro da romaria e não pensar o espaço simplesmente como um meio de controle da instituição católica de uma crença popular” (SILVA, 2016, p. 9). A Igreja atua na Caminhada de forma a dar ênfase à crença e valorizar a liturgia cristã, embora as questões políticas e sociais também façam parte da romaria. (Silva, 2017).

A Caminhada das Almas reúne milhares de fiéis sempre no segundo domingo do mês de novembro na cidade de Senador Pompeu. De acordo com Coelho (2021), acredita-se que a data esteja associada à proximidade com o Dia de Finados (2 de novembro). O percurso da peregrinação parte da igreja matriz do município, a Paróquia de Nossa Senhora das Dores, e segue em um trajeto de quatro quilômetros até o Sítio Histórico do Patu com três paradas: a Velha Estação (RFFSA), o Açude do Patu e o Cemitério da Barragem.

Para Karoline Silva (2017), na dissertação “Viva as almas da barragem!: a construção da caminhada da seca em Senador Pompeu-CE”, além da posição de Caminhada da Seca, a união e peregrinação de fiéis também se constitui enquanto uma romaria. Segundo a Pesquisadora, a romaria é indissociável do espaço religioso e, por isso, é sentido de forma mística. “Há na romaria um ritual muito pessoal, nas falas, nas vestes, nas orações, mas, principalmente, nos pés” (SILVA, 2017, p. 26). Além disso, os hábitos de santificação popular

---

<sup>39</sup> Albino Donatti, além de representar uma figura religiosa importante na cidade de Senador Pompeu, foi um agitador político e social de grande relevância. Veio ao Brasil em 1975 a fim de atender o pedido da Carta Encíclica “Fidei Donum” do Papa Pio XII, que orientava as missões católicas em regiões do planeta que enfrentavam situações adversas. Se estabeleceu primeiro na cidade de Cajazeiras (PB), onde esteve envolvido no episódio da bomba armada no Cineteatro Apolo 11. O embate representou uma disputa entre apoiadores e críticos à Ditadura Militar no Brasil. Além disso, Donatti, juntamente com um colega italiano, foi associado a grupos comunistas da época. Esteve também à frente da Paróquia de Nossa Senhora das Dores durante 14 anos (1980-1994) e faleceu em 2013 na cidade de Trento, na Itália, localidade onde nasceu. Donatti promoveu diversas melhorias na paróquia a fim de implementar uma prática pastoral ampla, assim como fundou grupos de fiéis que atuavam junto à evangelização. Impulsionou o surgimento de diversas capelas nas comunidades e distritos de Senador Pompeu, além da Escolinha de Artes, que tinha o objetivo de valorizar os artistas locais. Apoiou lutas populares por meio das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e contribuiu para a criação de sindicatos de trabalhadores rurais, tendo ainda integrado o grupo que fundou o Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antônio Conselheiro CDDH – AC.

e oração pelas Almas da Barragem possuem uma relação ubíqua com o catolicismo, uma vez que a religião preserva o hábito de rezar pelas almas, sendo a segunda-feira o dia reservado para este momento.

É na Caminhada onde também ocorrem os momentos de sociabilidade e encontros fraternais que, por intempéries da vida, costumam não ocorrer. Amigos, familiares e moradores da cidade se reúnem na Caminhada da Seca não só para rezar pelas Almas da Barragem, mas para fortalecer os laços sociais. “Para os romeiros, sua fé e sua ligação com o sagrado são cheias da vivência de seus lares e da rua. Mesmo que a experiência com o outro mundo seja a mais importante, ela não se faz sem a junção dos três espaços” (SILVA, 2017, p. 27). A Pesquisadora destaca ainda as múltiplas formas que os romeiros encontram para vivenciar a experiência do sagrado no ambiente privado. Assim, o altar em casa, a vela para os falecidos, o terço nas comunidades e a missa aos domingos suprem uma ausência de maior conexão com a religiosidade. “A Caminhada se une a esses momentos, sendo mais um espaço de aproximação com o sagrado” (SILVA, 2017, p. 27).

Desse modo, durante a seca, ter um espaço para dar visibilidade às memórias do Campo de Concentração de 1932, trazendo uma narrativa de perdas e sofrimento, fez com que os ouvintes criassem laços mais estreitos com as lembranças que estavam sendo partilhadas. Além disso, com a ampliação da atuação pastoral da Igreja junto aos fiéis do centro e das comunidades mais afastadas, fez também com que estes não renunciassem a uma vivência do sagrado (SILVA, 2017, p. 94).

O ápice da celebração da Caminhada da Seca ocorre com a abertura dos portões do Cemitério da Barragem, espaço simbólico que representa o encontro dos romeiros com os flagelados da seca mortos no Campo de Concentração do Patu. Segundo Silva (2016), a morte no Campo é fundamental para a santificação dos retirantes que enfrentaram a seca de 1932 na cidade de Senador Pompeu. “Muitos sobreviventes já faleceram e é importante salientar que estes não se tornaram almas milagrosas. Logo, a morte no Campo de Concentração é um elemento crucial para a santificação” (SILVA, 2016, p. 4). De acordo com os estudos da Pesquisadora, os relatos apontam para o fato de que o Cemitério da Barragem se tornou um lugar de peregrinação a partir da bênção do padre Lino Aderaldo após a desativação do Campo, ação que pode indicar a adoração dos romeiros ao espaço.

Assim, os devotos passam a estabelecer uma relação de memória e proximidade, percorrendo a Caminhada da Seca no mesmo espaço-tempo em relação às Almas da Barragem. Mesmo que não partilhem ou tenham vivenciado o flagelo da seca de 1932, os participantes experienciam essa dor, ainda que simbólica (Silva, 2017). A Caminhada da Seca, além de constituir um cenário difícil, com a presença do sol e o relevo acidentado de Senador Pompeu,

reforça também as noções de penitência. “O momento é de lembrar a dor daqueles que sofreram no Campo, não importando as dores causadas pelas dificuldades do percurso” (SILVA, 2017, p. 32). É necessário ainda destacar que, como aponta Rios (2001), a religiosidade sertaneja é constituída a partir de diferentes interpretações do cotidiano, e não apenas aos rituais litúrgicos do catolicismo.

Além disso, a romaria é também um espaço de reflexão política, em que a população mais empobrecida encontra coro à reivindicação de direitos e políticas públicas que visem uma superação das desigualdades. A escolha do trajeto da Caminhada, segundo Silva (2017), busca reconstituir os elementos materiais que fizeram parte do cotidiano dos flagelados da seca de 1932. Ademais, para a Pesquisadora, a peregrinação – com suas paradas simbólicas e orações –, lembram o sofrimento das vítimas e remetem à Via Crucis, caminho percorrido por Jesus Cristo durante sua crucificação. “Na Via Sacra, a relação estabelecida era com o sofrimento de Jesus Cristo e o momento em que este, ao ser crucificado, salva todos os pecadores. Os dois espaços são de contemplação do sofrimento que, ao final, conduz a uma libertação” (SILVA, 2017, p. 18).

Assim, a Pesquisadora destaca que a Caminhada da Seca se constitui como um teatro, formada por personagens que produzem novos saberes e memórias. Por outro lado, questionamos esta afirmação, já que – embora seja possível associar a romaria a uma encenação religiosa, o que provavelmente veio a acontecer – a peregrinação até o Cemitério da Barragem possui particularidades e narrativas locais, religiosas e políticas que extrapolam essa dimensão e se consolida como um evento único e relevante para o estado do Ceará.

Desse modo, de acordo com Raimundo Martins (2015), na dissertação “Das santas almas da barragem à caminhada da seca: projetos de patrimonialização da memória no sertão central cearense (1982-2008)”, a nova ritualidade religiosa, além da adesão social e a cobertura midiática da Caminhada da Seca, foram alguns dos instrumentos que contribuíram para a legitimação da romaria. Segundo o Pesquisador, a imprensa local chegou a noticiar a participação de 1.000 pessoas na Caminhada da Seca de 2005 e 6.000 na Caminhada de 2010. Já Lima (2023) mostra que o ano de 2019 registrou a presença de 10.000 pessoas, um crescimento gradativo que pode ser visto a partir dos números documentados pelos pesquisadores.

Figura 7 – Caminhada das Almas em Senador Pompeu em 12 de novembro de 2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Ainda segundo Lima (2023), no artigo “The concentration camps for famine victims in Brazil and the struggle for their public memorialisation”, a Caminhada da Seca agora faz parte da Lei nº 17.698, de setembro de 2021, que inclui a romaria na rota turística oficial do estado do Ceará, o que se justifica pela relevância cultural e religiosa. “Renovada com fervor, a Caminhada já é considerada uma tradição religiosa. A Igreja, as outras instituições e os indivíduos fundadores desta tradição se mantêm firmemente ano a ano na condução do evento para que este não siga outros caminhos longe do seu controle” (LIMA, 2015, p. 75-76). Ainda assim, não se pode esquecer a heterogeneidade da Caminhada da Seca, constituída por diferentes atores políticos, sociais e religiosos, que não nos cabe discutir e aprofundar neste trabalho.

Dessa maneira, são perceptíveis as profundas relações que a Caminhada da Seca estabelece com o catolicismo popular, as crenças religiosas dos sertanejos e a Santificação das Almas da Barragem, que embora não possuam um reconhecimento oficial da Igreja Católica, nutrem devoção e adoração por parte dos fiéis que participam da Caminhada.

Não só isso, o evento político-religioso-cultural se coaduna à vida dos moradores do Sertão Central e mantém viva a memória sobre os Campos de Concentração e a seca de 1932, relacionando-se com símbolos e textos culturais que remetem à peregrinação, ao sagrado, às mídias primária e secundária, além da produção de imagens endógenas, conceitos que entrarão em diálogo com a pesquisa e com o leitor nos próximos capítulos.

## **2.4 Estado da Arte**

Neste último tópico do capítulo 1, destacamos algumas pesquisas que abordam, não só as secas de 1877, 1915 e 1932, mas também os Campos de Concentração no Ceará, assim como a romaria em devoção às Santas Almas da Barragem.

Acrescentamos ainda que compreendemos como importante não só trazer elementos sobre algumas produções acadêmicas a respeito da temática de nosso interesse, mas destacar a forma como esse diálogo aconteceu com alguns dos autores e autoras desta pesquisa. Assim, antes mesmo de propriamente iniciarmos o levantamento de dados sobre a produção acadêmica desta monografia, meu contato com o tema se deu a partir do documentário *Currais* (2019), dirigido por Sabina Colares e David Aguiar, como citado anteriormente na nossa introdução. O filme foi essencial para despertar o meu interesse acadêmico em pesquisar, no campo das Ciências da Comunicação, um evento que, além de religioso, também é político, social e cultural.

A partir daí, os trabalhos da historiadora e professora da Universidade Federal do Ceará Kênia Rios foram fundamentais para a introdução ao estudo presente no capítulo 1. O livro “Campos de Concentração no Ceará - Isolamento e Poder na Seca de 1932” (Museu do Ceará) é uma das publicações pioneiras sobre o tema. Publicado em 2001, é fruto da dissertação de mestrado de Rios na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, concluído em 1999. Mais recentemente, em 2014, a autora expandiu o livro com a obra “Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932” (Imprensa Universitária). Embora a última produção não tenha sido utilizada na bibliografia desta monografia, por se tratar de uma versão ampliada, o acesso ao conteúdo foi importante para relembrar e aprofundar as leituras sobre os Campos de Concentração no Ceará.

Além disso, o trabalho de Frederico de Castro Neves, historiador e professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), “Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932)”, é de fundamental importância para os estudos sobre o tema. Foi

publicado em 1995 na Revista Brasileira de História e é um documento acadêmico que contém informações importantes para a compreensão da política dos Currais do Governo no século XX.

Somam-se a isso as dissertações “De curral da fome a campo santo: o campo de concentração de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza” (2014), de Armando Pinheiro Neto, e “Das santas almas da barragem à caminhada da seca: projetos de patrimonialização da memória no sertão central cearense (1982-2008)” (2015) de Raimundo Aterlane Pereira Martins. O primeiro, defendido em 2014 no mestrado em História do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), faz um estudo detalhado e primoroso sobre a seca de 1915 no Ceará, sendo uma produção acadêmica necessária para compreender as estratégias políticas que seriam utilizadas em 1932, mantendo os dispositivos dos Campos de Concentração, em maior quantidade e sofisticação. O segundo trabalho, apresentado em 2015 no mestrado do Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humidades II da Universidade Federal do Ceará (UFC), realiza uma análise cuidadosa dos estudos sobre patrimonialização em Senador Pompeu-CE. Investiga também a presença da Caminhada da Seca e de outros projetos de memória que contribuíram para o tombamento do Sítio Histórico do Patu.

Voltando ao percurso histórico, é preciso lembrar dos estudos sobre a seca de 1877 e a influência do positivismo nas políticas de higienização. Assim, as estratégias de confinamento dos retirantes, na época, nos dão pistas sobre as medidas que foram adotadas nas décadas seguintes. “Corpos e mentes dilacerados: o grotesco nas imagens da seca de 1877”, de Alexandre Almeida Barbalho, “A Fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX”, de Luciana Brito, “O mandacaru não floresceu: a ciência positivista a serviço do combate à seca de 1877-1879”, de Paulo Cesar Gonçalves, são contribuições valiosas para compreender essa relação.

De volta à seca de 1932 e aos Campos de Concentração, destacamos os trabalhos “O controle do espaço do sertão: os campos de concentração do Ceará na seca de 1932”, de Leda Agnes Simões de Melo, publicado na revista História e cultura, “Campos de concentração na seca de 1932 no Ceará: a proteção dos lugares de memória de Senador Pompeu”, de Cibele Uchoa e Cunha Filho, nos Anais do XIX Encontro de Iniciação à Pesquisa da Universidade de Fortaleza, além do trabalho “Herança material e simbólica dos campos de concentração no Ceará”, de Viana Coelho, na revista Rocalha. Mais recentemente, em 2023, o pesquisador Thiago Lima publicou o artigo “The concentration camps for famine victims in Brazil and the struggle for their public memorialisation” na revista Third World Quarterly, que atualiza os estudos e faz um apanhado bibliográfico sobre o tema.

Por fim, citamos os trabalhos de Karoline Queiroz e Silva, especialmente a dissertação “Viva as almas da barragem!: a construção da caminhada da seca em Senador Pompeu – CE (1982-1998)” (2017). O trabalho de Silva se torna necessário para compreender a construção histórica e os tensionamentos em torno da peregrinação.

Para esta pesquisa, os repositórios utilizados foram a Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará (UFC), o Repositório Institucional da UFC, o Catálogo de Teses e Dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Google Scholar e os anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

Vale ressaltar que assumimos aqui um desafio diferente dos autores e autoras que elencamos acima: estudar a Caminhada das Almas a partir das Ciências da Comunicação sem, contudo, nos determos ao modo como jornais, revistas ou programas de televisão reportaram-se ao tema. Nos interessa, como dito anteriormente, pensar o corpo como mídia e os símbolos e imagens que constituem tal fenômeno cultural.

### 3. O SAGRADO E A PEREGRINAÇÃO ÀS SANTAS ALMAS DA BARRAGEM

Este capítulo discute a Caminhada das Almas como fenômeno político-social-religioso-cultural. Dessa forma, as principais categorias que acompanham o percurso da romaria são: sagrado, profano, mito, peregrinação, devoção popular e ritos de passagem.

Mircea Eliade, Victor Turner, Émile Durkheim e Van Gennep são autores que fundamentam nossa argumentação. Nos interessam ainda, neste momento, as reflexões sobre o tema a partir de fenômenos midiáticos, como propõe a professora Malena Contrera, bem como a dissertação de Leandra Bento da Silva, que investiga as tensões e disputas da devoção popular.

Dessa forma, os próximos tópicos do capítulo se dividem em 3.1 Religião, religiosidade e culto; 3.2 O sagrado e o profano na Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE; 3.3 Conflitos e aproximações entre a Igreja Católica e a devoção popular; 3.4 A peregrinação às Santas Almas da Barragem.

#### 3.1 Religião, religiosidade e culto

A espécie humana performatiza, reproduz e vivencia as experiências com elementos religiosos, entidades divinas e cultos. Este tipo de relação produz uma experiência de busca de sentido a partir de lentes que ajudam a ler o mundo e senti-lo. Assim, os povos nórdicos cultuavam seres divinos, da mesma forma que as múltiplas manifestações religiosas dos povos indígenas do Brasil.

Ao longo da história, o catolicismo tem assumido grande influência e expandido as suas fronteiras. De acordo com dados do Anuário Pontifício 2023, cerca de 1,37 bilhão de pessoas são católicas batizadas até o ano de 2021, com maior crescimento em África, onde houve aumento de 3,1%. No entanto, as Américas ainda representam a maior proporção de católicos, apesar da expansão do protestantismo. Segundo o documento, são 64,1 fiéis a cada cem habitantes. Além disso, há 48% de adeptos ao catolicismo no continente<sup>40</sup>.

O Brasil, em especial, é um dos países com maior número de pessoas que creem em uma força mística de acordo com a pesquisa Global Religion 2023 do instituto Ipsos. De acordo com os dados, 70% acreditam em Deus como descrito em escrituras religiosas (Bíblia, Alcorão, Torá) e 19% em uma força superior, não exatamente como os seres descritos em textos

---

<sup>40</sup> REDAÇÃO, A12. **Brasil é o país com mais fiéis católicos no mundo**. 2023. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/brasil-e-o-pais-com-mais-fieis-catolicos-no-mundo>. Acesso em: 13 fev. 2024.

religiosos. Entre os brasileiros religiosos, 70% são cristãos (católicos, evangélicos ou de outras denominações)<sup>41</sup>.

O assunto exerce tanta importância em diferentes sociedades que foi objeto de estudo dos principais teóricos da Sociologia, como Marx Weber em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” ou Émile Durkheim em “As formas elementares da vida religiosa”. Este último autor está presente no início deste capítulo a fim de recuperar os debates e estudos sobre o campo religioso. Seu principal livro sobre o tema, citado acima, foi publicado em 1912 e examina as origens e a natureza da religião, com especial destaque para as sociedades tribais e primitivas.

Durkheim argumenta que a religião é parte fundamental da vida social e que elementos comuns podem ser encontrados em diferentes sociedades do planeta. O autor dedica-se ainda a compreender o totemismo como elemento de ligação simbólica ao sagrado. O sagrado pode ser entendido como um sistema de atribuição de significados a objetos naturais – chamados de totens – que podem ser animais, plantas, itens inanimados ou um fenômeno natural, vistos como um ancestral, protetor natural ou fonte de poder. Diz o autor que “os primeiros sistemas de representações que o homem (sic) produziu do mundo e de si próprio são de origem religiosa. Não há religião que não seja uma cosmologia ao mesmo tempo que uma especulação sobre o divino” (DURKHEIM, 1996, p.15).

Assim, o Sociólogo francês diz que as representações religiosas são também coletivas. “Os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos” (DURKHEIM, 1996, p. 16). São, portanto, produtos do pensamento coletivo de uma dada realidade social, política e geográfica de um povo. Por outro lado, se a humanidade relaciona-se com seres divinos para existir em plenitude, a manutenção dessas crenças são, como consequência, pré-requisitos, acredita o Autor, para que os seres espirituais existam: “se é verdade que o homem depende de seus deuses, a dependência é recíproca” (DURKHEIM, 1996, p. 21). Ou seja, sem os rituais, sacrifícios e eventos religiosos de manutenção da memória e devoção, não haveria uma presença substancial do divino na vida cotidiana.

Em síntese, para o intelectual, a religião pode ser descrita como um sistema solidário de crenças e práticas que remetem ao sagrado. Por sua vez, essas crenças são comuns a uma determinada coletividade e formam a unidade de um grupo (Durkheim, 1996). “Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem

---

<sup>41</sup> BRASIL, BBC. **Por que Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o>. Acesso em: 11 jan. 2024.

uma fé em comum” (DURKHEIM, 1996, p. 28). Rodrigues (2019), em “Caminhar com fé: estudo sócio-antropológico de uma peregrinação ao Santuário de Fátima, Portugal”, acrescenta que a religião é conceitualizada de acordo com cada contexto histórico e sociocultural em que é elaborada, além de sofrer variações a depender da perspectiva teórica que realiza a abordagem. O autor explica que, a partir do estrutural-funcionalismo, considera a religião:

um complexo corpus teórico-teológico sobre a concepção de sagrado e de mundo. É um subsistema cultural estruturado, que integra – ou é composto por – mitos, crenças, com espaços e tempos sagrados, ritos/rituais, cerimônias, práticas mágicas, doutrinas, dogmas, linguagem, signos e expressões simbólicas – que forma o patrimônio simbólico-religioso – que produzem um modelo de relação do ser humano com o transcendente, com seres sobrenaturais, com uma (ou mais) divindade(s) (RODRIGUES, 2019, p. 189).

Para o Autor, a devoção à santidade ocorre especialmente a partir dos direcionamentos dados pela própria igreja cujo sujeito faz parte, assim como de que modo a adoração deve ocorrer. Embora isso nem sempre se reafirme como regra – haja vista a rebeldia sertaneja de santificação popular das Santas Almas da Barragem que, ao contrário dos cultos oficiais, não cultua tão somente divindades canonizadas pela Igreja Católica. No entanto, a prática, mesmo que não esteja em conformidade com a oficialidade da ortodoxia católica, se alimenta de rituais religiosos arcaicos. Voltando a Durkheim, diz o autor sobre os ritos: “os primeiros ritos teriam sido ritos mortuários; os primeiros sacrifícios teriam sido oferendas alimentares destinadas a satisfazer as necessidades dos defuntos; os primeiros altares teriam sido túmulos” (DURKHEIM, 1996, p. 39).

Assim, a Caminhada das Almas, como evento político, cultural e religioso, hoje consolidado na cena turística religiosa do Ceará, nos remete ao que diz Durkheim. Entendemos que as ofertas de água e pão aos túmulos dos ditos flagelados, no Cemitério da Barragem, podem ser lidos com o que o sociólogo francês chamou de “primeiros sacrifícios”, da mesma forma que os túmulos são vistos enquanto altares, uma vez que o próprio cemitério foi construído a partir da mobilização dos moradores da região e não reflete, necessariamente, os locais exatos onde os corpos foram despejados e enterrados.

Em “Por uma Antropologia da imagem”, o historiador da arte e estudioso das imagens Hans Belting (2005) propõe que se pense o estudo das imagens levando-se em conta a tríade imagem, corpo e mídia. Para o Autor, a imagem possui um lugar para acontecer, sendo este o corpo humano. Diz o teórico que ela deve ser identificada como uma entidade simbólica que, por sua vez, atua também como um item de seleção e memória com um fluxo diferente dos ambientes visuais (Belting, 2005).

Dessa maneira, o historiador lembra que as imagens tornam uma ausência em uma nova forma de presença. “A medialidade de imagens é originada da analogia ao corpo físico e, incidentalmente, do sentido em que nossos corpos físicos também funcionam como meios – meios vivos contra meios fabricados” (BELTING, 2005, p. 69). As imagens atuam a partir de dois atos simbólicos que envolvem o corpo vivo, primeiro o de fabricação – seja por fotógrafos, narradores ou pintores – e, em seguida, o de percepção, sendo o último um dos propósitos do primeiro (Belting, 2005).

Aline Okumura (2016) em “A parede como suporte de imagens endógenas e exógenas na contemporaneidade”, explica que as paredes atuam como um suporte de representações e marcas dos sujeitos que habitam as residências. Esse recurso, no entanto, está presente desde o período neolítico (dezessete mil anos a.C) e servia, inicialmente, como um meio de proteção às variações climáticas. Por isso, as paredes representam a relação do ser humano com a natureza e remetem à necessidade de imprimirmos um legado cultural por meio das representações imagéticas.

Assim, é bastante comum encontrar, especialmente no sertão, imagens de santidades ou familiares já falecidos em quadros inseridos na parede, de forma a manter aquele corpo vivo. “Estamos comunicando ao mundo as três funções das imagens: seu significado mágico, sua representação artística e a sua simulação técnica” (OKUMURA, 2016, p. 6-7).

Mais adiante, no capítulo 3, discorreremos com maior profundidade estes fenômenos a fim de destacar as relações entre as imagens endógenas e exógenas, assim como a conexão destas categorias com o objeto de pesquisa.

### **3.2 O sagrado e o profano na Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE**

O sagrado e o profano, apesar das divergências que os caracterizam, possuem manifestações culturais ambíguas cujos tangenciamentos nos parecem muito mais ricos para nossa pesquisa do que as diferenças. Enquanto o sagrado se relaciona com o divino e tem sua esfera religiosa frequentemente associada com rituais, cerimônias religiosas, objetos sagrados e lugares de adoração, o profano, por sua vez, carrega, no senso comum, um tom pejorativo que diz respeito ao mundano e, por regra, ao não sagrado. Por outro lado, segundo Eliade (1992), há um limiar que, embora estabeleça uma fronteira, também possibilita o diálogo entre ambos. “O lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado” (ELIADE, 1992, p. 19)

Por vezes, o contato com o sagrado é bastante nítido na vida social, já que este se manifesta como algo diferente do profano, indo na contramão (Eliade, 1992). O autor, no livro “O sagrado e o profano”, indica que a manifestação do sagrado ocorre por meio da hierofania. O conceito tem origem nas palavras gregas ἱερός (hierós, sagrado) e φαίνω (phainō: manifestar, aparecer), o que pode ser entendido como a “manifestação do sagrado”. Eliade explica que, para o ser humano moderno, é difícil aceitar que alguns manifestem o sagrado por meio de pedras ou árvores, por exemplo. “[Mas] a pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque ‘revelam’ algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*” (ELIADE, 1992, p. 13).

O *ganz andere* (o totalmente outro) tem uma forte relação com o numinoso e com o mistério tremendum (Otto, 2007). A experiência conhecida como numinosa, que deriva do latim numen (deus), alicerça a possibilidade do ser humano estruturar o mundo de forma com que a hierofania revele o real por meio do sagrado (Oliveira, 2012). Já o *Mysterium* (totalmente outro) e o tremendum (arrepiaante), segundo Rudolf Otto (2007), são aspectos que não deixam de ser inerentemente distintos.

“O misterioso no numinoso pode preponderar em comparação com a sensação do tremendum, inclusive a ponto de este quase se extinguir” (OTTO, 2007, p. 57). Oliveira (2012) explica ainda que o *ganz andere* diz respeito à própria manifestação do sagrado em um objeto, que embora possa parecer uma outra coisa, não deixa, entretanto, de ser ele mesmo.

Assim, não fica difícil perceber que há uma diferença significativa a partir do momento que um lugar torna-se uma hierofania, por exemplo. Os túmulos simbólicos erguidos no Cemitério da Barragem, embora não revelem os nomes dos retirantes ou os locais onde foram enterrados, são poderosos espaços sagrados de devoção, da mesma forma que as próprias entidades, para quem são feitas promessas, pedidos e orações. “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente” (ELIADE, 1992, p. 13).

Figura 8 – Túmulo no Cemitério da Barragem em Senador Pompeu-CE



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Os estudos sobre o tema ganharam continuidade com o livro “O Sagrado – Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional”, do teólogo luterano e filósofo Rudolf Otto. Publicado em 1979 na Alemanha, foi traduzido para o português em 2000 pela Editora Vozes. A obra, hoje, tem um significado mais histórico do que uma contribuição efetivamente acadêmica para os trabalhos atuais<sup>42</sup>.

Fato é que Otto busca explicar o sagrado a partir do conceito do numinoso, cunhado por ele e que diz respeito às experiências religiosas e espirituais que transcendem o entendimento humano comum. “Todas essas coisas, por mais que difiram entre si e por mais distantes que estejam da religião autêntica, já estão palpavelmente assombradas por um elemento comum, que é o numinoso, razão pela qual (e somente por esta) elas constituem uma ante-sala da religião” (OTTO, 2007, p. 156).

Eliade nos lembra que, para o ser humano religioso, a natureza perde a sua exclusividade natural, física, e está imbuída de um estatuto religioso, como é entendida nas sociedades ditas tradicionais, “pois o Cosmos é uma criação divina: saindo das mãos dos deuses, o Mundo fica impregnado de sacralidade” (ELIADE, 1992, p. 59). Assim, a sacralidade orienta o modo de ser de um objeto, fenômeno ou lugar, revelando uma essência verdadeira.

Por outro lado, as proximidades e tensões entre o sagrado e o profano são recorrentes. Um exemplo é a impossibilidade de uma existência profana em estado puro, por mais

<sup>42</sup> Oneide Bobsin, no prefácio à edição brasileira, adianta os indícios de etnocentrismo no texto, já que Otto situou o cristianismo no ápice das religiões ao considerar os conceitos racionais da crença como elevados. Ainda assim, explica que o autor também traz elementos que contradizem tais conceitos.

intencional que seja, visto que é impossível abolir as influências e o comportamento religioso decorrentes das práticas sociais e hábitos culturais que derivam ou fazem parte do sagrado, acredita Eliade.

Silvia, Gallo e Cavalari (2020), no texto “Devoção Popular: as raízes da resistência à religião instituída”, acrescentam que, além disso, há uma íntima relação entre os cultos da Igreja Católica e os rituais de manifestações religiosas populares. Fenômeno que é fruto de movimentos que levaram ao sincretismo religioso. Os autores lembram, por exemplo, que o adro – parte da estrutura que compõe a igreja<sup>43</sup> – representa o espaço profano do templo. Da mesma forma, os rituais que antecedem a peregrinação são marcados por profanidades, como o comércio e a festa. Assim, o sujeito precisa passar pela peregrinação a fim de cruzar o espaço entre o sagrado e o profano, de forma a purificar o corpo e a alma.

Apesar das tensões, o sagrado ainda preserva uma relevância e adoração que ultrapassa épocas e mudanças sociais, políticas ou econômicas. Assume presença na explicação do funcionamento do mundo e nos mitos fundadores, que “designa, ao contrário, uma ‘história verdadeira’ e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo” (ELIADE, 1972, p. 6). Em “Mito e realidade”, Eliade (1972) afirma que o mito assume uma complexidade cultural, além de carregar o papel da verdade e do sagrado porque, por um lado, explica realidades e, por outro, as atribui aos seres sobrenaturais. “Conhecendo o mito, conhece-se a ‘origem’ das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento ‘exterior’, ‘abstrato’, mas de um conhecimento que é ‘vivido’ ritualmente. (ELIADE, 1972, p. 18).

Desse modo, os mitos assumem a responsabilidade de elucidar à humanidade os eventos que antecederam a sua existência, como as crenças que tentam explicar o surgimento do universo. “Os mitos revelam tudo o que se passou, desde a cosmogonia até a fundação das instituições sócio-culturais” (ELIADE, 1972, p. 102). Sua função é, então, fornecer sentido ao mundo e à existência humana, dando origem às ideias de valor, realidade e transcendência (Eliade, 1972). Para o autor, em “O sagrado e o profano”, a função mais importante do mito é “‘fixar’ os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação etc.” (ELIADE, 1992, p. 51). Não só isso, destaca que o “Deus celeste” se manifesta, especialmente, por meio dos fenômenos meteorológicos

---

<sup>43</sup> O termo refere-se ao espaço aberto situado em frente ou ao redor de uma igreja, muitas vezes delimitado por muros ou gradis. Ele tem funções tanto práticas quanto simbólicas, sendo uma área de transição entre o espaço profano e o espaço sagrado da igreja.

(trovão, raios, tempestades), chamados de estruturas privilegiadas do Cosmos. Estes, por sua vez, constituem as epifanias favoritas do ser supremo (Eliade, 1992).

Entendemos que essas epifanias meteorológicas se associam às realidades e ao contexto do sertão cearense. A região, que permanece boa parte do ano em períodos de estiagem ou seca, abriga uma população religiosa e que frequentemente apela às forças divinas pelo retorno da chuva, por um ano de boa colheita e segurança hídrica para os territórios e comunidades. Além disso, a água é um elemento da natureza de grande valor para os sertanejos e que representa importantes simbolismos à religião. Para Eliade (1992), a água é considerada aquela que purifica, regenera e “limpa” os pecados.

Dessa maneira, destacamos a peregrinação da Caminhada das Almas como um fenômeno religioso, político e cultural que nasce a partir das emergências da seca. Por isso, a devoção às Santas Almas da Barragem nos revela, a partir do diálogo com as simbologias da água, segundo Eliade (1992), um temor de que as cenas de 1932 voltem a se repetir na região. Assim, a devoção expande os próprios limites e ultrapassa as barreiras da ortodoxia católica ao assumir um caráter popular que foge à oficialidade e aos regimentos da igreja, como veremos no próximo tópico.

Voltando à discussão sobre a aridez e as manifestações religiosas, Baitello (2013), em “O inóspito: uma pequena arqueologia do conceito de espaço no pensamento de Vilém Flusser”, nos lembra que o deserto, enquanto espacialidade geográfica, é produtor da cultura e da religiosidade, por remeter ao vazio e às projeções imaginativas. No caso do sertão, no entanto, não há exatamente um deserto, mas sim a ausência de água ou escassez em períodos intermitentes que se repetem ao longo da história. O inumano e o extremamente seco são dispositivos que incapacitam a possibilidade de existência da vida. “Por isso é um vazio que compele para frente, que obriga os passos rumo ao futuro, um vazio repleto de obrigatórias visões internas, calculadas, meditadas, planejadas. Se atravessarmos esse vazio, portanto, estaremos salvos” (BAITELLO, 2013, p. 6).

Já Andrade (2010), afirma, no trabalho “Deus do deserto, Deus do vale: a Geografia como ponto de partida para a compreensão do fenômeno religioso”, que os universos religiosos surgiram a partir da experiência empírica influenciada pelo meio ambiente. Cita, por exemplo, que o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo nasceram no Oriente Médio, uma região marcada historicamente pela aridez do solo. Em contraponto, o hinduísmo, uma das religiões mais antigas do planeta, se estabelece a partir da fertilidade e da relação com a natureza.

Segundo o Autor, o deserto, marcado pela dificuldade da vida cotidiana, falta de vegetação e escassez de água, exige das comunidades nômades a necessidade de caminhar em

busca de uma estabilidade. Isso “levou os nômades a elaborarem um conteúdo religioso que apresenta Deus como transcendente, distante e tremendamente exigente de fidelidade e submissão de seus fiéis” (ANDRADE, 2010, p. 19). Além disso, o sofrimento cotidiano impulsionou a crença de que o céu azul é a morada de Deus e, portanto, um lugar de tranquilidade. Dessa maneira, alimenta-se a ressurreição como elemento sagrado após a morte, garantia de que não haverá volta ao sofrimento diário.

### **3.3 Conflitos e aproximações entre a Igreja Católica e a devoção popular**

A devoção às Santas Almas da Barragem tem início em um contexto de relativa independência e autonomia das comunidades que ocupavam a região de Senador Pompeu. A gravidade da seca de 1932 e o número alarmante e inaceitável de mortes manteve viva a memória dos Campos de Concentração, especialmente naqueles que presenciaram ou mantiveram alguma relação de parentesco com os ditos flagelados. Assim, bem antes de uma aproximação da Igreja Católica ou até mesmo do início das edições anuais, no ano de 1983, da Caminhada da Seca, grupos e sujeitos deslocavam-se até o Cemitério da Barragem com o objetivo de rogar por bênçãos ou realizar o “pagamento” de promessas às Almas da Barragem.

É importante destacar a escolha da categoria devoção popular, visto que a Caminhada da Seca é uma manifestação religiosa e cultural que nasce com uma certa espontaneidade, além de estabelecer um sincretismo com os elementos devocionais da Igreja Católica.

Segundo Pereira (2003), no trabalho “A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo”, havia um interesse em desqualificar as manifestações religiosas populares durante o período colonial – o que ajudou a manter um controle maior sobre a fé dos fiéis. Essa investida ganhou uma nova dimensão a partir do Concílio Vaticano II, convocado pelo Pontífice João XXIII, ao sugerir a substituição do nome “devoção” ou “devoção popular” para “religiosidade popular”, mais genérico. Para Pereira (2003), esse tensionamento existia desde o processo de romanização, com as reformas religiosas de Pio IX, embora tenha culminado no Concílio Vaticano II, período de renovação da liturgia, que trouxe também a redução da presença das imagens dos santos em templos sagrados do catolicismo. “A ‘devoção’ passou a ser vista como algo depreciativo, marginal, como manifestações de fé (devoções) que não se enquadravam no modelo europeu, romanizado.” (PEREIRA, 2003, p. 68).

Assim, explica Pereira (2003), a devoção nasce da crença em poderes sobrenaturais cujo santo possa ter realizado um milagre ou ato extraordinário que ocorreu ou ouviu-se dizer. Essas preces vão desde pedidos para mudança de emprego até situações emergenciais, como o desejo

de que uma cirurgia seja bem-sucedida e o/a paciente se recupere rapidamente. Dessa maneira, a lealdade se efetiva especialmente a partir do cumprimento da promessa feita ao santo. “Como podemos perceber, a devoção tem como característica a fidelidade, o pacto entre o santo e o devoto” (PEREIRA, 2003, p. 69).

Pereira (2003) diferencia ainda as relações entre espiritualidade e devoção que, embora possam estar relacionadas, não possuem equivalências. Isso porque a espiritualidade existe a partir de uma relação de pertencimento à instituição católica e representa um amadurecimento da fé. Diferente disso, a devoção se alicerça em um sistema de trocas, um processo de permuta com o santo que pode ou não avançar para o estágio da espiritualidade.

Essa relação garante, portanto, a participação de sujeitos que não possuem vínculo com a Igreja Católica no processo de devoção. É bastante provável e comum que pessoas distantes do catolicismo ou pertencentes a outras religiões possam realizar preces aos santos, especialmente àqueles com forte apelo popular ou ligados ao território de origem do sujeito. “Isso colabora para a permanência nessa etapa [da devoção], dispensando as intermediações da instituição eclesiástica e diminuindo seu espaço de poder. Dá-se, aqui, a origem dos conflitos entre catolicismo institucional e catolicismo devocional”, (PEREIRA, 2003, p. 70).

Não nos surpreende, por exemplo, que, ao longo do tempo, a instituição Igreja Católica tenha assumido uma proximidade significativa com a devoção às Santas Almas da Barragem. Primeiro, como mostra Pereira (2003), a devoção é um fenômeno que ganha mais adeptos entre as camadas sociais empobrecidas, que carecem de políticas públicas e acesso a serviços de saúde e educação de qualidade. Em períodos de fragilidade – física, emocional, financeira, familiar – é comum recorrer aos santos com o objetivo de angariar mudanças positivas para estes cenários. Rogar às Santas Almas da Barragem por bons e fartos períodos de chuva garante esperança e ajuda a distanciar o medo da fome e da seca.

Dessa forma, embora a atuação do padre Albino Donatti seja louvável e tenha, na década de 1980, captado as reivindicações políticas e religiosas da comunidade que residia em Senador Pompeu, não se pode negar a apropriação do catolicismo em se tornar mantenedora e responsável por uma parcela significativa da organização da Caminhada da Seca. Contudo, como apresentamos no capítulo um, há tensões, conflitos e disputas por espaços que existem e persistem desde a primeira peregrinação em direção ao Cemitério da Barragem. A estratégia institucional, no entanto, é clara e bastante objetiva: não se podia perder a massa de católicos que se mobilizava em torno da devoção às Santas Almas da Barragem. Assim, como mostra Pereira (2003), embora o catolicismo popular fosse associado à “ignorância”, “superstição” e

“fanatismo”, houve uma ampla aceitação de manifestações populares na Europa e, conseqüentemente, no restante dos países<sup>44</sup>.

Esse sincretismo – ou associação dos elementos simbólicos das populações sertanejas com as simbologias do catolicismo –, ocorre especialmente a partir de uma apropriação simbólica que se adequa às cosmovisões dos sujeitos, atribuindo novos significados e aplicações no cotidiano, embora não rompa com as tradições católicas de origem. “É o proceder do sertanejo devoto que mesmo construindo um particular espaço religioso não rompe definitivamente com a Igreja à qual pertence desde nascença ou conversão” (AMARAL, 2017, p. 150). Além disso, Silvia, Gallo e Cavalari (2020) destacam que é comum os contextos de devoção popular assumirem elementos das linhas religiosas instituídas, como a católica, neste caso. “Quando trata-se de santos populares, as mesclas culturais proporcionam que os sujeitos sintam-se representados e garantam as linhas instituídas ao público de devotos” (SILVA, GALLO, CAVALARI; 2020, p. 97).

Dessa maneira, embora exista uma relação direta com as Santas Almas da Barragem, a proximidade com a Igreja Católica possibilita que o culto popular esteja associado à instituição oficial da igreja. Portanto, diferente de outros episódios de resistência ou recusa, a igreja mantém um diálogo importante com os devotos que hoje realizam a peregrinação da Caminhada da Seca, que, em sua maioria, também participam dos rituais, das missas e, com frequência, realizam atividades devocionais e espirituais que unem a devoção popular com a Igreja Católica.

Para Leandra Bento da Silva (2012), na dissertação “Tensões e disputas em torno da devoção “popular”: A Cruz da Menina em Patos (PB)”, esse tipo de relação é conhecido como catolicismo “santorial”, que, via de regra, possui uma certa autonomia com o catolicismo oficial. Além disso, a Autora acrescenta que, embora a resistência a esse tipo de catolicismo tenha existido, as aproximações no Brasil passaram a acontecer especialmente a partir do avanço do protestantismo – para evitar a perda de fiéis – e da separação entre Igreja e Estado na primeira República (Silva, 2012).

A Igreja Católica se aproxima das devoções populares com uma posição antimodernista e anti-racionalista, observando o catolicismo popular como sendo marcado por superstições, um lugar da massa da sociedade, o qual deve passar por um

---

<sup>44</sup> Silvia, Gallo e Cavalari (2020) mostram, no trabalho “Devoção Popular: as raízes da resistência à religião instituída”, que a Igreja Católica foi se apropriando de valores politeístas na Europa a fim de adaptá-los aos seus interesses. “Esta escolha entre o que pode e o que não pode nos mostra como a cultura é dinâmica, assim como as necessidades das organizações de vigilância a fim de ocultar e não permitir contato para não haver reconfiguração”, (SILVA, GALLO, CAVALARI; 2020, p. 94).

processo de purificação, o culto deve centrar suas práticas nos sacramentos e no clericalismo de acordo como o modelo romano (SILVA, 2012, p. 95).

Segundo a Pesquisadora, é a partir do catolicismo oficial que os devotos criam suas próprias narrativas míticas, mas “isto não quer dizer que este tráfico seja uma repetição, uma assimilação das devoções aos santos já existentes no catolicismo oficial. Ocorre uma apropriação, uma nova religião é criada, é uma nova ‘maneira de fazer’, que possui uma lógica e regra própria” (SILVA, 2012, p. 37).

Assim como outros fenômenos religiosos, a devoção às Santas Almas da Barragem assume uma relação de maior diálogo com o catolicismo oficial, especialmente por ter sido a Igreja Católica a precursora da Caminhada da Seca. Não por acaso, é um automóvel com aparelho de som e cânticos católicos que guia os peregrinos durante a caminhada até o Cemitério da Barragem e relembra o sofrimento vivido pelos flagelados. Essa condução é feita por integrantes da instituição.

Figura 9 – Peregrinos em direção ao Cemitério da Barragem



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Ao lado do Cemitério da Barragem é realizada uma missa junto com autoridades católicas (padres e bispos) e políticas (como o prefeito da cidade). Mesmo que seja um rito voluntário e a visita ao Cemitério da Barragem atraia maior atenção e interesse, especialmente naqueles que foram “pagar” promessas ou realizar orações e entrega de ex-votos, a presença da Igreja Católica oficial demarca um espaço que a interessa e que, portanto, não está disposta a abrir mão dele.

Figura 10 – Fiéis participam de missa ao lado do Cemitério da Barragem



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

### 3.4 A peregrinação às Santas Almas da Barragem

“Acabei de chegar!”. Enviei este recado para o meu companheiro em um aplicativo de mensagem para sinalizar que havia desembarcado em Senador Pompeu-CE, distante 267 km de Fortaleza, no dia 10 de novembro de 2023. O relógio marcava exatamente 16h10. Fazia pouco tempo que desci do ônibus em direção ao local que iria permanecer até o domingo (13). Na cidade, a geografia urbana se organiza pelos trilhos da antiga ferrovia da Estrada de Ferro de

Baturité e, curiosamente, segue um trajeto vertical, com pouca expansão para a horizontal, a fim de seguir o percurso da linha que, no passado, ia em direção à capital.

O terreno íngreme do município proporciona um terreno com ruas altas e baixas, assim como pequenos morros e serras. Logo me hospedo, rapidamente me desfaço da mala e saio para fotografar a cidade. Aprecio a vista, converso com moradores, mas recebo um aviso: há territórios que não podem ser cruzados. É que, apesar de pequena, Senador Pompeu hoje convive com o avanço de facções criminosas que disputam o território do Sertão Central.

As fotografias são simples e amadoras, e servem mais às memórias pessoais do que a um trabalho fotográfico de maior pretensão estética, jornalística ou antropológica, embora eu tenha me esforçado para mapear e cobrir os principais lugares, como as ruas mais movimentadas, praças e, com maior atenção, a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, responsável por reunir os fiéis e devotos que, em peregrinação, partem com rumo ao Cemitério da Barragem. Naquele momento, o cenário era ainda de normalidade e o clima local não revelava visitantes desconhecidos. “Mas amanhã [sábado] chegam pessoas de todos os lugares para a Caminhada da Seca”, disse-me a recepcionista do espaço onde me hospedei. De fato, o número de pessoas se avolumava desde a noite de sexta até o fim do dia de sábado, reunindo fotógrafos, devotos, jornalistas e curiosos que, como eu, pela primeira vez enfrentariam os quatro quilômetros de percurso a pé.

Por outro lado, o interesse e a disposição foram os principais combustíveis para que, às 4h da manhã de domingo (13), estivesse pronto para seguir o percurso. Na concentração, um pau de arara, ônibus e pequenos veículos faziam o traslado dos moradores dos distritos e zonas rurais que teimavam em enfrentar a fria madrugada do sertão e se deslocavam até a cidade. Uma cena emocionante que demonstra a força e a devoção dos peregrinos às Santas Almas da Barragem.

O horário parece pouco convidativo, mas na verdade revela o momento de maior viabilidade para os sertanejos, já que o sol – costumeiramente escaldante – ainda não surgiu com toda a sua imponência no horizonte. Por isso, é comum que a Caminhada da Seca tenha como partida a Igreja Matriz e siga em direção ao Cemitério da Barragem entre o fim da madrugada e início da manhã.

Figura 11 – Devotos se concentram na Igreja Matriz para participar da Caminhada da Seca



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

No caminho, os peregrinos – que costumam utilizar roupas brancas, leves e confortáveis – acompanham o automóvel principal que direciona os devotos ao percurso, que segue por algumas ruas da cidade e, logo em seguida, adentra as áreas rurais, entre subidas íngremes e descidas suaves em um movimento corporal coletivo. À primeira vista, pode parecer uma marcha religiosa em lembrança aos flagelados da seca, um protesto político que deixa claro os problemas da seca na região ou um evento cultural de preservação da memória local. Por vezes, são todas essas faces em conjunto e, por isso, a Caminhada da Seca assume um tipo de peregrinação muito particular e complexo.

Segundo José Arilson Xavier de Souza, no trabalho “A geograficidade do caminhar dos peregrinos”, “as peregrinações são, de fato, formas culturais, e espaciais, codificadas da vida dos peregrinos. As suas histórias de vida nos dão os sinais para a interpretação de tais arranjos espaciais” (SOUZA, 2018, p. 48). Na Caminhada da Seca, a peregrinação é feita por aqueles que decidem “pagar” promessas – são mais visíveis, já que muitos caminham descalços –, mas também os peregrinos, devotos há tempo suficiente para tornar a romaria uma tradição e compromisso pessoal. “Existem laços sensíveis do peregrino com o espaço pelo qual transcorre a sua peregrinação, a tal ponto que ele caminha para tornar a vida mais significativa”, (SOUZA, 2018, p. 54).

Para o Autor, o cansaço só é suportado porque parece vir uma força superior, do próprio santo, que mantém o peregrino com o objetivo aceso para cumprir a missão pessoal e espiritual. Souza (2018) diz ainda que é graças aos pés que os espaços do sagrado se materializam. Isto é, há uma sacralização que dá curso à geografia da fé. Assim, a peregrinação se estabelece enquanto uma relação particular com o sagrado, de forma a funcionar como um percurso religioso-espiritual individual e íntimo, mas que marca uma identidade religiosa por meio de uma realidade espacial-territorial. Dessa forma, os peregrinos desenvolvem uma associação de grupo temporária com sociabilidade religiosa (Rodrigues, 2019). Na Caminhada das Almas, o apelo popular que remete às territorialidades sertanejas e ao passado que relembra os períodos de seca, assim como a identificação coletiva com o tema, garantem uma maior sintonia coletiva dos peregrinos que percorrem o trajeto.

Donizete Aparecido Rodrigues (2019), no trabalho “Caminhar com fé: estudo sócio-antropológico de uma peregrinação ao Santuário de Fátima, Portugal”, explica que, diferente de turistas, os peregrinos buscam valores profundos com o objetivo de dar sentido ao mundo caótico que o rodeia. “A peregrinação é uma viagem interior, uma imersão; ele volta-se para dentro de si mesmo, num ato de profunda reflexão” (RODRIGUES, 2019, p. 185). Para o Autor, a peregrinação implica, portanto, sempre percorrer caminho em direção ao local sagrado, extrapolando o plano imanente do mundano e entrando em contato com o transcendente (Rodrigues, 2019).

Ademais, é no espaço privado (em casa ou na caminhada), segundo Rodrigues (2019), que o peregrino faz o pedido, promessa ou prece, momentos de forte intimidade com o sagrado. É nesse espaço/tempo que há a oração, meditação, cântico, louvor e graça. Já o espaço público assume um papel diferente, por sua vez, de dramatização, agradecimento pelo cumprimento da promessa e exteriorização da fé. É nesta altura que ocorre a entrega do corpo, da dor física, dos sofrimentos e emoções, presentes especialmente na chegada ao santuário. “Na peregrinação, humaniza-se o divino para senti-lo mais próximo, íntimo, mais pessoal.” (RODRIGUES, 2019, p. 194). Neste texto, o autor também diferencia peregrinação de romaria, já que a última é considerada uma festa profana de aparência popular.

Na Caminhada da Seca, além do percurso que precisa ser seguido, há três importantes paradas que estendem o trajeto: a Velha Estação (RFFSA), o Açude do Patu e o Cemitério da Barragem. As pausas são acompanhadas por momentos de reflexão e falas que remetem ao combate à seca ou ainda à importância de manter viva a memória dos ditos flagelados mortos no Campo de Concentração do Patu em 1932. Ao fim do percurso, marcado pelo encontro com

o Cemitério da Barragem, há a entrega de águas, pães e velas às Almas da Barragem, elementos que serão melhor discutidos no próximo capítulo.

Figura 12 – Cemitério da Barragem durante a peregrinação dos devotos



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Além disso, a missa realizada pela Igreja Católica marca o fim da peregrinação, que tenta não ultrapassar o período das oito horas da manhã, uma vez que as temperaturas e a intensidade do sol já não permitem estar a céu aberto com certa tranquilidade. É por isso que o percurso de volta a pé costuma ser mais vazio, com pessoas retornando em carros, motos e ônibus. Ainda assim, há aqueles que, em devoção às Santas Almas da Barragem, insistem em finalizar o percurso a pé e descalças.

De acordo com Turner (2008), a viagem do peregrino se torna um paradigma para outros comportamentos, como éticos e políticos. Não só isso, mas as peregrinações anuais, no caso da Caminhada da Seca, os elementos devocionais, as promessas, orações e ex-votos garantem com que a devoção popular às Santas Almas da Barragem permaneça viva e se alimente da própria atividade sagrada dos peregrinos. “De certa forma, as peregrinações são ao mesmo tempo instrumentos e indicadores de uma espécie de regionalismo místico e, também, de nacionalismo místico” (TURNER, 2008, p. 197).

O Autor explica ainda que as peregrinações constituem o derradeiro bastião do catolicismo popular, que vai na contramão da modernização iconoclasta e racionalizante. Além

disso, Turner (2008) acrescenta que a “ética” da peregrinação pode ter contribuído para constituir a rede de comunicação que fez do capitalismo um sistema nacional viável. Cita, inclusive, o exemplo de Juazeiro do Norte, cidade que passou dos 2.500 habitantes em 1889 para 80.000<sup>45</sup>, no período de publicação do livro, com o crescimento populacional muito associado aos supostos milagres do Padre Cícero Romão. “Porém, ao considerarmos o ponto de vista de que as peregrinações geram cidades e consolidam regiões, não precisamos abandonar o ponto de vista de que elas também são, por vezes, os vestígios ritualizados de sistemas sociopolíticos anteriores” (TURNER, 2008, p. 210).

Rodrigues (2019) lembra também que é possível visualizar a peregrinação como um ritual religioso. Uma das principais referências a respeito dos rituais, o antropólogo Arnold Van Gennep, na obra “Ritos de passagem”, explica que a estruturação básica dos ritos é dividida em separação, liminaridade e (re)integração. Assim, quando o indivíduo entra em uma fase de separação ao seu lugar de origem, adentra a fase de margem, de liminaridade, quando fica temporariamente distante da comunidade original até se reintegrar novamente ao grupo.

Se pensarmos na peregrinação, ela funciona, para o sujeito, como um movimento de saída e retorno, já que este volta ao lugar de origem ‘renovado’. “Nesta situação liminar, há uma homogeneização do status, marcada pela simplicidade de vestimenta e comportamento – para, em seguida, reintegrar-se na estrutura social de origem” (RODRIGUES, 2019, p. 184).

A transitoriedade do ritual – no caso da peregrinação – traz ao grupo uma desconexão com o mundo exterior, ou a *societas* (local de origem). Dessa forma, essa descontinuidade com a estrutura social leva à formação de uma *communitas*, ou comunidade de fé, que traz, como consequência, interação e grau de partilha entre os peregrinos. “Nesta ‘efervescência colectiva’, caracterizada por uma ‘imanência do sagrado’, emerge sentimentos marcados por uma forte emotividade religiosa e reflexão sobre o significado dos próprios valores religiosos” (RODRIGUES, 2019, p. 184). Segundo o autor, a liminaridade se caracteriza a partir da existência da *communitas* (de caráter temporário), que por sua vez se opõe à estrutura (de caráter duradouro)

O próprio Van Gennep (2011), explica que os ritos de separação, margem e agregação fazem parte de rituais religiosos, assim como podem estar presentes em devoções e peregrinações. O autor acrescenta que a própria transição entre sagrado e profano, comum no ritual da peregrinação, leva naturalmente a ritos de passagem. “Desta maneira, todo peregrino está fora da vida comum, em um período de margem, da partida ao regresso” (GENNEP, 2011,

---

<sup>45</sup> Hoje, a cidade possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 286.120 pessoas.

p. 156). Em complemento, Contrera (2005), destaca a importância dos rituais para a manutenção das comunidades e da organização dos seres humanos em grupos de partilha. “Por isso as práticas rituais são tão fundamentais nas relações comunicativas, em especial nos momentos de estranhamento e transição, momentos nos quais os vínculos precisam ser criados e/ou reforçados ou o grupo estará sob ameaça” (CONTRERA, 2005, p. 117).

Dessa maneira, finalizamos o capítulo dois e nos debruçaremos, no próximo a tratar sobre as conexões entre a produção de imagens endógenas e a utilização da mídia secundária como ferramenta de comunicação à devoção durante a peregrinação na Caminhada das Almas. Assim, destacamos símbolos e elementos presentes nessa relação, como as gestualidades e a utilização do corpo enquanto linguagem no percurso dos peregrinos, da mesma forma que enfatizamos a potência imagética do Cemitério da Barragem, que recebe os peregrinos com ex-votos, garrafas de água, pães, velas e orações. As próximas páginas dialogam com os autores Hans Belting, Harry Pross, Norval Baitello Junior, Malena Contrera e Mircea Eliade.

#### **4. IMAGENS ENDÓGENAS E A MÍDIA SECUNDÁRIA NA DEVOÇÃO ÀS ALMAS DA BARRAGEM**

O último capítulo desta monografia tem o objetivo de dialogar com as manifestações simbólicas e culturais dos peregrinos por meio do corpo. Nos chama atenção, por exemplo, o caminhar descalço ao longo do trajeto, assim como a atitude de despejar sacos de pão e garrafas de água nos túmulos, simbolicamente construídos para manter viva a memória dos ditos flagelados da seca que morreram no Campo de Concentração do Patu.

As próximas páginas são tecidas a partir das reflexões com a pesquisa de campo realizada em novembro de 2023 e do encontro com o pensamento de autores como Harry Pross, Hans Belting, além de Norval Baitello Junior e Malena Contrera. Nesse percurso, as categorias imagem endógena, imagem exógena, mídia primária e secundária serão aprofundadas a partir das vivências com a Caminhada das Almas em Senador Pompeu.

##### **4.1 A peregrinação às Santas Almas da Barragem e a performatividade do corpo**

O percurso da Caminhada, que parte da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores e vai até o Cemitério da Barragem, desperta diversas experiências sensoriais. Desde cedo, a concentração dos peregrinos e a rota, que perpassa por diversas ruas da cidade, possibilitam uma experiência particular para os fiéis. As vestimentas, os cânticos e o número de pessoas descalças, que se destinam a ‘pagar’ suas promessas, representam a força das Santas Almas da Barragem. Katz (2006), no trabalho “Todo corpo é corpomídia”, explica que o corpo atua como uma mídia e desloca a interpretação sobre esse conjunto de células e órgãos. Para a Autora, o corpo não é: ele está. “Um corpo sempre mostra a si mesmo, o que equivale dizer que ele sempre se apresenta com a coleção de informações que o constituem naquele exato momento” (KATZ, 2006, p.2).

Há muito o que se investigar a partir dessa relação, como a forte presença do uso de roupas brancas, tradicionalmente comuns em rituais religiosos no Brasil, assim como o próprio diálogo entre os peregrinos e as entidades divinas que faleceram no Campo de Concentração em 1932. Raposo (2013) nos lembra, em seu trabalho “A vestimenta como mídia secundária”, que a roupa é uma linguagem e carrega um discurso que demonstra a expressão do sujeito. Nas imagens presentes neste trabalho, é possível observar que há uma diversidade de trajes, quando se considera o conjunto de devotos que participam do percurso. Ainda que muitas pessoas

utilizem roupas comuns do cotidiano, muitas delas destacam o branco como força de mobilização religiosa.

Figura 13 – Trajes brancos estão presentes na maioria dos peregrinos



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Com relação ao uso do corpo enquanto um mecanismo de linguagem e meio de transmissão de informações, nos direcionamos a partir das contribuições do jornalista alemão Harry Pross<sup>46</sup>. Ele desenvolveu, ao longo de sua pesquisa, os conceitos de mídia primária, secundária e terciária<sup>47</sup>, presentes no livro *Medienforschung* (Investigação da mídia, em tradução livre). O Autor explica que o corpo também é um meio de comunicação e transmissão de informações, o que se expressa por meio das falas, dos gestos, da entonação da voz, das expressões visuais (mídia primária) e dos recursos utilizados, como as vestimentas e adereços

<sup>46</sup> Pross foi professor universitário na Europa, lecionou em várias instituições do continente, especialmente na Alemanha, sua terra natal. Os principais textos do autor disponíveis em português foram traduzidos pelo Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC). Boa parte de sua obra se mantém no original, em alemão, e, por isso, dialogaremos com um de seus principais comentadores, Norval Baitello Junior, professor da Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>47</sup> O estudo das mídias primária, secundária e terciária, embora com profundas implicações no pensamento de outros autores, tomou pouco tempo da reflexão de Pross e é muito breve em sua obra a classificação das mídias.

que utilizamos (mídia secundária). Por sua vez, os meios eletrônicos de comunicação são alocados na mídia terciária, já que são equipamentos e aparelhos artificiais, criados pelo ser humano, e que se relacionam com o corpo externamente. “Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá” (PROSS, 1972:128 *apud* BAITELLO, 1998, p. 12).

Segundo o medievalista Paul Zumthor (2012), na obra “Performance, recepção, leitura”, o corpo é a materialização daquilo que é próprio, fruto da realidade vivida e que determina a relação com o mundo. “Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior” (ZUMTHOR, p. 23, 2012). Segundo o Autor, a performance implica competência, aquilo que chama de “saber-ser”, ou seja, um saber que orienta uma conduta, que comporta coordenadas espaço-temporais e físiopsíquicas que estão encarnadas em um corpo (Zumthor, 2012). “A performance se situa num contexto ao mesmo tempo cultural e situacional: nesse contexto ela aparece como uma “emergência”, um fenômeno que sai desse contexto ao mesmo tempo em que nele encontra lugar” (ZUMTHOR, p. 31, 2012). O pesquisador acrescenta ainda que esse fenômeno é algo que se cria, atinge a plenitude e ultrapassa o curso comum dos acontecimentos.

Para ele, a performance é uma conduta que implica no sujeito assumir, aberta e funcionalmente, a responsabilidade. “A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca” (ZUMTHOR, p. 32, 2012, grifos nossos). De acordo com Zumthor, a performance é o único modo vivo de comunicação que se orienta a partir das gestualidades e da oralidade, em diálogo com o corpo e com o espaço. Dito isso, podemos compreender a Caminhada das Almas como um evento cultural no qual a performance não apenas comunica, mas produz um tipo de conhecimento que constitui a celebração religiosa, uma vez que os fiéis e devotos se munem de símbolos culturais, como os gestos e as vestimentas, dando origem à uma teatralidade performancial (Zumthor, 2012) que é formada a partir da identificação dos expectadores com a celebração.

Na foto a seguir, é possível perceber os diferentes diálogos entre as mídias primária (o corpo) e secundária, na produção de elementos midiáticos e comunicativos. Durante uma pausa ao longo da Caminhada das Almas, uma peregrina eleva o braço direito na altura do ombro e reproduz uma atitude comum para quem realiza uma prece, já que direcionar as mãos e os braços para o céu é um sinal de aproximação com a santidade. As gestualidades ao longo do

percurso, como dito acima, são constitutivas dessa coreografia e compõem o panorama imagético.

Sobre esse ponto, a pesquisadora Elisabeth Gandini Romero destaca, no artigo “A gestualidade das mãos: o gesto técnico e o poético”, que o gesto é um instrumento utilizado a partir de uma necessidade interior de se expressar e comunicar. “É a primeira e a mais rica linguagem do corpo” (ROMERO, 2009, p. 90). Em sua pesquisa, a professora enfatiza que o gesto, caracterizado por comunicar algo, é um ato semiótico e caminha em diálogo com o corpo enquanto um suporte que atua de forma a potencializar e dinamizar os gestos. Os seres humanos, que por sua vez têm a possibilidade e capacidade de alterar o entorno, têm, assim, o pensamento articulado a partir das gestualidades, segundo Romero (2009). “A mão é meio de comunicação – mídia viva e em constante movimento. Poderia dizer que quando gesticulamos com as mãos nelas se conjugam a mão da natureza, a mão da memória e a mão da transcendência” (ROMERO, 2009, p. 97). Diz a Autora que a mão biológica, chamada de dispositivo neuromotor, é aquela constituída a partir da natureza, que se soma à chamada mão da memória e conta com um lastro social e cultural, de forma a se conectar com os códigos culturais, cuja força é maior em comparação aos códigos genéticos ou sociais.

Além disso, a vegetação seca e os galhos que ocupam parte do trajeto no amanhecer sertanejo nos remetem às reflexões sobre o desértico e inóspito na busca por uma estabilidade e melhores condições de vida. Antes de avançar neste ponto, ressaltamos que embora possamos tecer relações sobre o sertão e o deserto, compreendemos que existem diferenças fundamentais em suas constituições. Ambos são zonas áridas, mas há diferenças significativas de pluviosidade anual, por exemplo. O sertão tem um tipo de clima tropical semiárido, mas que, assim como outras regiões e biomas do planeta, corre o risco de desertificação – realidade que preocupa pesquisadores e ativistas ambientais.

As sub-regiões diferem quanto ao clima em função da localização, altitude e proximidade da costa, por exemplo. Ressaltamos ainda que descartamos as hipóteses etimológicas que dizem que a palavra sertão seria uma corruptela de desertão. O que se chama de sertão nordestino é uma zona de atipicidade demográfica. No artigo “A natureza de Vilém Flusser: experiências limites”, lemos:

Rapidamente vale lembrar que *sertão* é uma palavra de etimologia incerta. Se para alguns viria de um vocábulo angolano, *mulcetão*, que se refere às terras entre terras ou terras distantes do mar, para outros é de deserto, *desertão*, que a palavra descende. Próximo do deserto, *sertão* se emparelha com *desertor*. *Desertanum* é o lugar impenetrável e desconhecido para onde vai o desertor. Lugar *sertão* é lugar incerto – em oposição ao *locus certus ou domicilium certus* – e é sempre longe, nunca onde se

está. Como alerta Riobaldo, com sua fórmula “pão ou pães é questão de opiniões”, o sertão – faixa imprecisa de terra, demarcação subjetiva – está sempre mais além, onde está o outro: “O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão?” (Rosa, 1979: 9). Na carta de Pero Vaz de Caminha ele chama de sartaam uma faixa de terra extremamente vasta, que não se podia alcançar com a vista, mas apenas imaginar. Território do desconhecido, terra de deslocamentos, de errâncias em busca de melhores condições de sobrevivência, que vai permanecer sob o signo do inóspito, mesmo depois da colonização. Vazio simbólico, como espécie do oco deixado pelo que não se permite conhecer pelo uso instrumental da razão (REINALDO, 2012, p. 2).

Como discutido no capítulo anterior a partir de Baitello (2013), a escassez de água e a inviabilização da vida humana e não humana catalisam os cultos em direção à fartura ou à sobrevivência. Da mesma forma, Andrade (2010) destaca que esta situação aproxima os sertanejos da adoração às entidades divinas, já que estas seriam capazes de pôr fim à seca e à estiagem. Por sua vez, a promessa de uma morada eterna no céu, obtida por meio da ressurreição, é vista como uma garantia sagrada de que não haverá retorno ao sofrimento e às dificuldades da vida cotidiana.

Figura 14 – Peregrina faz uma pausa durante a Caminhada da Seca e ora às Santas Almas da Barragem



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

De volta aos estudos sobre a mídia conforme Pross, Baitello (1998), em “Comunicação, Mídia e Cultura”, aprofunda o debate ao diferenciar a mídia primária da secundária. Esta, por sua vez, se caracteriza por meio da presença de ferramentas comunicativas que tem a finalidade de amplificar o impacto receptivo de uma mensagem. “Em princípio, cores e pinturas corporais, máscaras e vestimentas festivas, adornos e outros objetos com a função de acrescentar ao corpo uma informação” (BAITELLO, 1998, p. 13). Para o Autor, essa relação se dá a partir de uma intermediação entre o emissor e o receptor. Por outro lado, o surgimento de aparatos como a escrita, a fotografia e os equipamentos tecnológicos trouxeram um impacto tão significativo nas Ciências da Comunicação que o próprio conceito de comunicação passou a se restringir à mídia terciária, isto é, aos elementos externos ao corpo que potencializam o alcance de uma informação (Baitello, 1998).

Na Caminhada das Almas, as gestualidades chamam atenção ao longo do percurso, especialmente nos momentos de orações e preces. Há também outros elementos simbólicos, como os pés descalços ao longo do percurso, os trajés e as vestimentas brancas, como já apontado neste tópico. É comum que as pessoas se compadeçam ou apresentem semblantes, discursos e atos que remetem ao luto, por se tratar de um evento que remete à dor, doenças, confinamento e morte a milhares de sertanejos nas secas de 1915 e 1932. Além disso, o contexto reforça o pacto de fidelidade que há entre os santos e os devotos, como apresentamos no capítulo anterior. Mais adiante, discutiremos a relação imagética, que, apesar do nome, não diz respeito apenas às imagens fotográficas, entre os peregrinos e a Caminhada das Almas.

#### **4.2 Imagem, mídia e corpo na peregrinação**

A percepção e fabricação de imagens são atividades comuns e praticadas com frequência pelos seres humanos, algo que impacta, como consequência, o próprio cotidiano das diferentes sociedades. Isso porque formamos, a todo momento, um conjunto de imagens internas que são forjadas a partir de experiências, crenças e vivências pessoais que determinam a construção subjetiva de determinados eventos comunicacionais. Para Belting (2005), “a imagem deve ser identificada como uma entidade simbólica (portanto, também um item de seleção e memória) e distinta do fluxo permanente de nossos ambientes visuais” (BELTING, 2005, p. 67).

O Autor faz referência ainda às imagens como um dispositivo que torna uma ausência visível em uma nova forma de existência. A presença icônica do morto, por exemplo, simboliza essa transição, uma vez que deixa de existir fisicamente, mas resiste ao tempo por meio das

imagens. “A gravura ocupa o lugar nos meios de massa que os indivíduos mortos teriam continuado a ocupar, caso ainda estivessem vivos” (BELTING, 2005, p. 71). O Historiador da arte lembra ainda das imagens endógenas, formadas internamente, mas que se relacionam com o mundo externo e com as chamadas imagens objetivas. Um exemplo cotidiano são os sonhos, que nascem na subjetividade, embora sua formação dependa das vivências de um determinado sujeito.

Belting (2006), no entanto, nos lembra em “Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à Iconologia”, que as imagens não se encontram de forma independente na superfície ou nas cabeças. “Elas não existem por si mesmas, mas, sim, acontecem; elas ocorrem, sejam elas imagens em movimento (o que se torna tão óbvio), ou não. Elas acontecem via transmissão e percepção” (BELTING, 2006, p. 33). O Autor destaca ainda que o discurso atual sobre as imagens sofre com uma abundância de concepções, a depender da linha teórica e do campo de estudo. Na teoria da arte, por exemplo, ela se restringe à matéria, como a pintura ou o desenho. Já as ciências médicas, como a neurobiologia, dedicam-se a compreender o funcionamento do cérebro sem, no entanto, elucidar as relações com o externo. “Representações internas e externas, ou imagens mentais e físicas, devem ser consideradas como dois lados de uma mesma moeda” (BELTING, 2006, p. 25). Ou seja, para Belting, as imagens endógenas (internas) e exógenas (externas, imagens físicas), apesar de existirem em espaços diferentes, interagem e só existem em codependência.

Além disso, Belting (2006) enfatiza que as imagens não são produzidas por suas mídias (externas, exógenas); ao contrário, elas são transmitidas e não podem ser explicadas apenas por uma abordagem midialógica. “Sabemos que todos temos ou que possuímos imagens, que elas vivem em nossos corpos ou em nossos sonhos e esperam para serem convocadas por nossos corpos a aparecer” (BELTING, 2006, p. 38). As palavras servem como um canal que ativa a imaginação e a converte nas representações visuais que elas denotam, tornando a linguagem um veículo para transmitir essas imagens.

Os cânticos religiosos e os discursos ao longo da Caminhada da Seca, por exemplo, são catalisadores que transportam os corpos dos peregrinos à experiência mágico-religiosa da Caminhada das Almas. Assim, ainda que os Campos de Concentração em 1932 não tenham sido vivenciados pelos devotos, a construção de uma narrativa sobre o tema nos transporta para essa realidade e provoca a formação de imagens internas, em diálogo com as memórias orais e as poucas fotografias da época.

Belting (2006) explica que nas sociedades tradicionais as imagens dos mortos estavam associadas, especialmente, a rituais e cultos, já que essas imagens não mais viviam nos corpos.

Crânios eram utilizados para produzir imagens com ajuda de materiais que recriavam o corpo no período Neolítico, há cerca de 7.000 a.C. Por outro lado, novas técnicas foram surgindo ao longo do tempo e alteraram a visualização da imagem do morto, o que modifica a experiência humana. “As imagens, preferencialmente as tridimensionais, substituíam os corpos dos mortos que haviam perdido justamente sua presença visível” (BELTING, 2006, p. 40). Mais recentemente, os álbuns de fotografia, as galerias de aparelhos celulares e os porta-retratos se tornaram pequenos museus particulares que salvaguardam memórias e tornam vivos momentos especiais, além de conservar o registro de pessoas que partiram. Em complemento, como discutido por Okumura (2016) no capítulo anterior, as fotografias em paredes funcionam também como memórias, estando as imagens em um suporte que permite a visualização e apreciação das fotografias.

Na imagem abaixo, capturada durante o momento de chegada da Caminhada das Almas ao Cemitério da Barragem, há o registro da filha de um dos sobreviventes do Campo de Concentração do Patu, no município de Senador Pompeu. Com a vegetação seca da caatinga ao fundo, Alzira Lucinda Morais de Lima, que porta vestido branco e um chapéu com laço da mesma cor, segura um porta-retratos na altura do peito. A fotografia, que está no centro da imagem, eterniza Antônio de Moraes, que chegou ao Campo de Concentração ainda pequeno e é uma das pessoas que sobreviveram à fome na seca de 1932. Na foto, Antônio, já idoso, olha para a câmera com uma certa fixação e seriedade, semelhante a como sua filha se apresenta diante das lentes. Além disso, estar em um porta-retratos, diferente de um álbum de fotografias, simboliza a relevância e importância em preservar a sua existência.

Figura 15 – Peregrina segura um porta-retrato com a imagem de seu pai, já falecido, um dos sobreviventes do Campo de Concentração do Patu



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

As mudanças sobre a compreensão e produção imagética, apresentadas nos parágrafos anteriores, ainda que tenham alterado a dinâmica das imagens na sociedade, trouxeram novos sentidos e experiências ao corpo. “As imagens parecem nômades no sentido de que elas estabelecem morada em uma mídia após a outra” (BELTING, 2006, p. 45). Além disso, como já dito por Belting (2006), as imagens acontecem e são negociadas entre o corpo e a mídia, por isso, o fluxo é censurado por meio da projeção, memória, atenção ou negligência. “Aqueles imagens a que atribuímos significado pessoal são diferentes das tantas outras que apenas consumimos e imediatamente esquecemos” (BELTING, 2006, p. 51).

Malena Contrera (2015), em “Imagens endógenas e imaginação simbólica”, comenta que Belting propõe a representação sensível de uma imagem a partir de um código escolhido durante a representação. No entanto, ela é formada a partir do que chamou de “cadeias de imagens internas”, presentes não só na mente dos sujeitos que as interpretam, mas também na esfera da memória cultural. Isso ajuda a explicar, entre muitos outros fatores, a manutenção da

Caminhada das Almas em Senador Pompeu, que se concretizou como uma tradição local e expande cada vez mais o número de peregrinos ao longo das edições.

Na imagem da página 71, capturada já próxima ao fim do ritual de peregrinação ao Cemitério da Barragem, há um dos túmulos coberto por garrafas plásticas com água e sacos de pão. Além desses elementos, as velas também são bastante comuns, que atuam como guias diante do flagelo. Retornando às reflexões anteriores com base em Durkheim (1996), as ofertas de água e pão nos túmulos dos ditos flagelados podem ser lidas como os “primeiros sacrifícios”. Os túmulos, por sua vez, são vistos como altares, já que o cemitério foi construído a partir do próprio esforço dos moradores locais e não necessariamente reflete os lugares exatos onde os sertanejos foram sepultados.

Além dessas ofertas, é comum que, durante a permanência no Cemitério da Barragem, os peregrinos se ajoelhem em oração às Santas Almas, rezem um terço ou, em silêncio, observem os demais túmulos. Por se tratar de uma devoção popular, a Caminhada da Seca atrai não só católicos praticantes, mas pessoas que se aproximam da religião ou ainda aqueles que não se identificam necessariamente com o catolicismo, mas são mobilizados a partir de outros elementos que ultrapassam a religiosidade. Como destacado no primeiro capítulo, a Caminhada das Almas também reúne entidades e organizações políticas que reivindicam melhores condições de vida no semiárido nordestino, mas também grupos de articulação cultural que apresentam peças de teatro dentro do Cemitério da Barragem e exposições fotográficas sobre a memória dos Campos de Concentração em Senador Pompeu.

Para Paul Middleton (2014), no artigo “What is martyrdom?”, as noções primárias de martírio, tema recorrente na religiosidade popular brasileira, foram estabelecidos de modo a reforçar a identidade de grupos primitivos ligados ao cristianismo. Segundo o Autor, o entendimento sobre o martírio é hoje ampliado em decorrência da violência em massa, tornando-se ainda mais impreciso. A palavra amplia, complexifica e passa a contemplar, por exemplo, populações, povos ou comunidades que passaram por tentativas de genocídio ou extermínio em massa, como os ciganos, palestinos, yazidis, entre outros. Middleton, que se dedicou a compreender o martírio e suas mudanças conceituais, explica que definir o que é martírio não é uma tarefa fácil, pelo contrário. Para ele, é mais interessante, então, compreender de que forma as narrativas sobre o martírio ajudam na formação das identidades.

Muitas construções teológicas modernas sobre o martírio recorrem às primeiras experiências e reflexões cristãs sobre o fenômeno. Ao fazer isso, tentam estabelecer uma ideia e prática original do martírio contra a qual as manifestações subsequentes possam ser julgadas. Então, agora voltamos a esses textos antigos, onde encontramos,

ao contrário do esperado, que o martírio era tão controverso naquela época quanto é hoje (Middleton, 2014, p. 120, tradução nossa).<sup>48</sup>

O martírio, tão presente no catolicismo, contribuiu significativamente para a construção da identidade cristã e se tornou um ator importante na batalha pela ortodoxia católica. Os primeiros cristãos, por exemplo, dirigiam suas críticas mais contundentes aos chamados hereges, por não reconhecerem o martírio (Middleton, 2014). O diálogo proposto pelo Pesquisador também tenciona os requisitos para definição e reconhecimento de um mártir, uma vez que são critérios históricos e dependem, muitas vezes, do contexto em que estão inseridos.

O Autor lembra que o cisma donatista<sup>49</sup>, em 311 d.C, mina a visão de que a criação de mártires deve ser deixada aos processos oficiais de canonização. “Como vimos, a Igreja ‘faz’ e ‘desfaz’ mártires por razões que são situacionais e políticas.” (Middleton, 2014, p. 127, tradução nossa)<sup>50</sup>. Um dos exemplos é o do sacerdote católico salvadorenho Óscar Romero, conhecido como Santo Óscar Romero. No passado, o reconhecimento do religioso como mártir era visto com certa desconfiança, especialmente por ele ter atuado de forma ativa em movimentos progressistas ligados à Teologia da Libertação. Mais recentemente, o Papa Francisco reconheceu o salvadorenho formalmente como mártir, ainda que com atraso.

Nos últimos anos, a temática do martírio tem sido rediscutida para avaliar e compreender como se dão os processos de reconhecimento oficiais. Jovens palestinos que são mortos em confrontos desiguais com o exército de Israel podem vir a ser considerados mártires? Na comunidade local e para muitos ativistas da causa, sim. Outros fatores, como o apelo popular, a cobertura midiática sobre a morte de alguém em um conflito ou a luta de inúmeras pessoas por sobrevivência e reconhecimento de seus direitos podem alterar as compreensões do martírio, que como vimos, é um conceito bastante volátil e suscetível às mudanças temporais, políticas e culturais.

Assim, o martírio, segundo Middleton (2014), é criado a partir de narrativas que recontam a morte e torna o narrador como o elemento mais importante da criação do martírio, e não o personagem. “Como mostrei, o martírio é uma categoria inerentemente instável. Todas

---

<sup>48</sup> “Many modern theological constructions of martyrdom make appeal to the earliest Christian experiences of and reflection on the phenomenon. In so doing, they attempt to establish an original idea and practice of martyrdom against which subsequent manifestations might be judged. So we now turn to these early texts, where we find, contrary to expectation, martyrdom was as controversial then as it is today.”

<sup>49</sup> O cisma donatista foi uma divisão na Igreja Cristã ocorrida no século IV na África do Norte, centrada na questão da validade dos sacramentos ministrados por clérigos que haviam renegado a fé durante perseguições. Os donatistas acreditavam que os sacramentos administrados por clérigos impuros eram inválidos, enquanto a posição da Igreja Católica Romana era de que a validade dos sacramentos não dependia da santidade do ministro. O cisma resultou em uma separação significativa entre os seguidores de Donato, o líder dos donatistas, e a Igreja Católica, afetando a comunidade cristã na região por várias décadas.

<sup>50</sup> “As we have seen, the Church ‘makes’ and ‘unmakes’ martyrs for reasons which are situational and political”.

as tentativas de definir ou avaliar o martírio são impotentes para impedir a aclamação dos mártires” (Middleton, 2014, p. 130, tradução nossa)<sup>51</sup>. Dito isso, o que é o martírio? Para Middleton (2014), o martírio não pode ser definido. É uma narrativa, ou um conjunto delas, úteis para criar ou manter a identidade de um grupo, que geralmente destaca um representante ideal que escolheu ou foi feito para morrer por seus valores.

Figura 16 - Inúmeras garrafas de água e sacos de pães depositados nos túmulos com o objetivo de “matar” a sede e a fome dos flagelados



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

A esfera da memória cultural, como aponta Contrera, permite a manutenção e sobrevivência de eventos políticos-culturais-religiosos, como é o caso da Caminhada das Almas. Se recorrermos às imagens técnicas e objetivas<sup>52</sup>, a Caminhada também se constrói a partir de excessiva produção imagética por meio de câmeras fotográficas, aparelhos celulares e filmadoras profissionais que capturam o percurso.

<sup>51</sup> “As I have shown, martyrdom is an inherently unstable category. All attempts to define or evaluate martyrdom are powerless to prevent the acclamation of martyrs.”

<sup>52</sup> “As imagens técnicas ou tecno-imagens, de Vilém Flusser, se definem por sua composição a partir de pontos, grânulos de dimensão ínfima que se constelam em grande número e oferecem a aparência de uma imagem. São produzidas por aparatos técnicos, tais como máquinas fotográficas, filmadoras de cinema ou vídeo, computadores” (BAITELLO, 2006, p. 10)

Esses produtos técnicos são repercutidos em redes sociais, matérias jornalísticas e documentários. Por outro lado, o excesso de imagens exógenas da Caminhada pode não irromper em um processo psíquico de liberação de energia. “As imagens técnicas, pelo contrário, roubam a energia, já que se alimentam do nosso olhar (no caso das imagens visuais), que vivem da nossa atenção, do nosso tempo de vida” (CONTRERA, 2015, p. 9), fenômeno conhecido como iconofagia (Baitello, 2014). Para o autor, há uma ocupação crescente do mundo pelas imagens. “Com suas raízes comprovadamente plantadas nas raízes profundas e insondáveis do próprio humano, somente pode ser um depoimento a mais a favor da inegável força de apelo e impacto que possuem as imagens sobre os homens” (BAITELLO, 2006, p. 13).

Nas próximas páginas, buscamos dialogar com os demais autores na compreensão de como as imagens, especialmente endógenas, dão origem a uma representação simbólica na devoção às Santas Almas da Barragem.

#### **4.3 A dinâmica dos símbolos na devoção popular às Almas da Barragem**

Quando presenciei o percurso da Caminhada da Seca pela primeira vez, ainda por meio de matérias jornalísticas e documentários, pude sentir a emoção que esse evento cultural provoca. A relação dos peregrinos com a devoção popular é única e culturalmente enriquecedora. No tópico anterior, investigamos a produção de imagens endógenas e exógenas, que influenciam a percepção do grupo diante da Caminhada, assim como os conceitos de mídia primária e secundária, nos ajudam a discutir a performatividade do corpo neste percurso.

De acordo com Eliade (1979), no livro “Imagens e símbolos”, o símbolo, o mito e a imagem pertencem fundamentalmente à dinâmica da vida espiritual. “Pode camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que nunca se poderá extirpá-los” (ELIADE, 1979 p. 12). Segundo o Autor, tentou-se explicar a origem dos símbolos a partir da impressão sensível, exercida pelo córtex cerebral, embora essa hipótese não seja discutida no livro. Para ele, “a função de um símbolo é justamente a de revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento” (ELIADE, 1979, p. 171). Além disso, Eliade explica que a existência humana depende dos símbolos, assim como as imagens, que inevitavelmente fazem parte do nosso cotidiano.

Pereira (2003) lembra que, durante a devoção popular, o bem oferecido simbolicamente ao santo é o próprio corpo do sujeito. Isso se explica especialmente pela atitude de depositar os ex-votos no que ele chama de “elementos concretos da comunicação simbólica”, como réplicas de partes do próprio corpo, fotografias, objetos pessoais e outras oferendas que atestam a existência de uma entidade superior. No Cemitério da Barragem, por exemplo, há uma capela,

construída na década de 1980, que abriga esses bens simbólicos. Há no espaço fotografias, imagens de santos, terços, ex-votos e diversas garrafas de água. Na foto abaixo, um pé simboliza a realização de um pedido ou uma graça alcançada, atitude que fortalece a relação entre os devotos e as Santas Almas.

Figura 17 – Réplica de um pé depositado na capela construída no Cemitério da Barragem



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Outro tipo de relação com a devoção ao santo é chamado de sacrifício de comunhão e ação de graças. Pode ser realizado para explicitar um dom, uma comunhão ou expiação, este último vinculado à culpa ou reparação (Pereira, 2003). Esse tipo de ritual envolve diretamente o corpo do fiel, como a prática de caminhar descalço durante toda a peregrinação e retornar a pé para o ponto de origem, comum na Caminhada das Almas. “É um sacrifício voluntário que chega a ser prazeroso, tendo em vista suas motivações” (PEREIRA, 2003, p. 77).

Na imagem a seguir, duas pessoas despejam a água, que estava armazenada em garrafas, em um dos túmulos no Cemitério da Barragem. A ação é uma das mais comuns para os fiéis que frequentam a Caminhada da Seca, que acabam adquirindo a água com pequenos comerciantes ou com a própria organização do evento, que se encarrega de realizar a

distribuição ao longo do percurso. O ato simboliza a devoção com as Santas Almas, mortas diante de um cenário hostil, com políticas públicas praticamente inexistentes e recursos escassos durante o período de seca severa. Os túmulos se tornam espaços de hierofania (Eliade, 1992), ou seja, de manifestação do sagrado, e se revelam a partir de uma representação do simbólico que está além da materialidade visível.

Figura 18 - Devotos derramam água sobre túmulo no Cemitério da Barragem



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Para o Autor, essa troca de ex-votos, e os sacrifícios entre os fiéis e o santo, faz parte do que chama de “relação econômica de bens simbólicos”. Assim, o devoto se relaciona a partir da economia da oferenda, ao mesmo tempo que mantém laços de dependência, criando um ciclo vicioso. Isso ajuda a explicar o porquê das pessoas voltarem à Caminhada da Seca repetidamente todos os anos, seja em devoção, para o pagamento de novas promessas, ou porque ali já se estabeleceu um laço forte entre ambos, em um ritual que se repete (Rodrigues, 2019; Gennep, 2011).

É esse corpo humano concreto, vivo, de carne e osso, que tem necessidades biológicas, que está se relacionando com um corpo simbólico (a imagem do santo) e tendo-o como

modelo de sacrifício, como modelo a ser imitado, pois, apesar de ser imagem, representa o sacrifício reparador. O sacrifício que apaga os pecados, que apazigua a violência e dá a sensação de alívio (PEREIRA, 2003, p. 87).

Pereira (2003) também destaca que a devoção religiosa popular é mais comum nas populações empobrecidas e marginalizadas, que chegam aos santuários com marcas de sofrimento e a esperança de superá-los. Na Caminhada da Seca, estes corpos estão fragilizados, ainda que dotados de potência mobilizadora, e vivem em meio ao crescimento da violência urbana, mas principalmente diante do cenário inóspito provocado pelas secas. Estas trazem perda de vegetação, aridez (Baitello, 2013), falta de alimento para os animais, insegurança alimentar, psicológica e financeira, além de que boa parte da população tem uma frágil cobertura do sistema de saúde e se torna vulnerabilizada diante de uma realidade tão hostil. Cabe, assim, recorrer às Santas Almas da Barragem como alternativa possível a fim de agir diante da superação desses problemas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumir o desafio de produzir uma monografia sobre a Caminhada das Almas em Senador Pompeu-CE não foi fácil. Como explicitado ao longo do texto, o contato com o tema surgiu a partir do documentário “Currais” (2019), de Sabina Colares e David Aguiar. A partir desse momento, passei a pesquisar em matérias jornalísticas ou sites especializados no tema e a curiosidade me levou à construção de um projeto de pesquisa na disciplina Pesquisa em Comunicação e em Jornalismo. De lá até à conclusão deste trabalho, foi cerca de um ano de pesquisa e viagem a campo para acompanhar in loco a 41ª Caminhada da Seca.

O objeto de pesquisa em questão ainda é relativamente pouco estudado – ainda que de modo bastante competente pelos/as pesquisadores/as que se dedicaram a discutir o tema – pela academia brasileira e pelas Ciências da Comunicação. Os principais trabalhos se concentram na História, Geografia e Ciências da Religião. Dessa forma, a escrita da monografia me trouxe uma possibilidade diferente de realizar uma pesquisa no campo da comunicação.

Ao longo desse processo, houve mudanças metodológicas, alterações na rota e um afunilamento, natural e difícil, para onde a pesquisa nos leva. Este trabalho tem o papel, portanto, de chamar atenção sobre um tema que ainda gera desconhecimento no estado do Ceará. Além disso, nosso papel é também destacar a Caminhada da Seca como um evento imagético e comunicacional e que, por isso, não deve ser ignorado pelos estudantes dos cursos da chamada Comunicação Social.

Assim, no primeiro capítulo, realizamos uma pesquisa histórica em busca de recuperar o passado dos Campos de Concentração no estado, que existiram em decorrência das crises humanitárias durante as secas que assolaram o Nordeste nos séculos XIX e XX. É um capítulo que contextualiza, mas se torna fundamental para construir bases seguras em direção ao entendimento do tema. Em seguida, em um outro momento do capítulo, recuperamos a Caminhada da Seca, sua história, surgimento, conexões com os aspectos políticos e religiosos. Esta parte é fundamental para ter acesso ao objeto de pesquisa com um conhecimento basilar.

No capítulo dois, o intuito era, justamente, dialogar com os autores presentes na pesquisa a partir das categorias de discussão e análise. Essa relação se deu especialmente com a participação na 41ª Caminhada da Seca, o que rendeu registros fotográficos, relatos e experiências corporais que mudaram o sentido da pesquisa. As imagens presentes não estão inclusas somente para ilustrar o percurso de devoção, mas para entender como a vida cotidiana e religiosa se relaciona profundamente com as pesquisas e investigações de intelectuais brasileiros e estrangeiros.

Já no último capítulo, nos debruçamos às categorias de mídia primária e secundária, assim como de imagens endógenas e exógenas, cruciais para entender de que forma o corpo performatiza a peregrinação e a devoção popular às Santas Almas da Barragem. Além disso, as pesquisas na área da Ciência da Religião foram indispensáveis para encontrarmos as respostas necessárias que, junto às demais categorias, ajudaram a explicar esse fenômeno, que também é comunicacional.

Por fim, não podemos deixar de instigar a produção de novos trabalhos sobre o tema, assim como apresentar as limitações da pesquisa. O recorte do estudo levou em consideração a Caminhada das Almas realizada no ano de 2023, portanto, não há uma pesquisa de campo comparativa com edições passadas, assim como não houve uma metodologia etnográfica para investigar as complexas relações de diferentes grupos sociais que participam da Caminhada. Como todo trabalho acadêmico, seguimos por um recorte e há, sem dúvidas, muitos elementos e categorias que podem enriquecer, futuramente, os estudos sobre o tema.

Após a finalização da pesquisa, alguns temas nos chamaram atenção – como a performance, o martírio, a devoção popular e a relação que existe entre os devotos e as Santas Almas da Barragem. Além disso, as gestualidades, apresentadas brevemente a partir das considerações de Elisabeth Gandini no capítulo três, provocam a reflexão e nos instiga a perceber e considerar a importância que os gestos ocupam no percurso da Caminhada das Almas. As mãos ao alto, ou em oração, entre muitas outras expressões, são partes constituintes de todo o trajeto e que merecem ser exploradas com maior profundidade. Esses temas, apesar de terem engrandecido e qualificado o presente trabalho, requerem uma pesquisa de maior fôlego e que, por ventura, possa analisar períodos de tempo maiores que destaquem duas ou mais edições da Caminhada da Seca para, enfim, produzir uma análise comparativa ou que certifique, com maior certeza, a persistência de algumas práticas ou o surgimento de novas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

AMARAL, Wagner Lima. Apropriação dos Símbolos na dinâmica da Devoção Popular do Sertanejo Nordestino. **Teoliterária - Revista de Literaturas e Teologias ISSN 2236-993**, [S.L.], v. 7, n. 13, p. 148, 21 jul. 2017. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.19143/2236-9937.2017v7n13p148-166>. Acesso em: 10/01/2024.

ANDRADE, J. DEUS DO DESERTO, DEUS DO VALE: a geografia como ponto de partida para a compreensão do fenômeno religioso. **INTERAÇÕES**, v. 5, n. 7, p. 13-38, 11.

ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de; SAMPAIO, José Levi Furtado. PENSAMENTO GEOGRÁFICO DAS SECAS, DOS TRILHOS E DOS BRAÇOS: ferrovia baturité (1870-1889) (geographic thoughts of dry, rail and arms. **Mercator**, [S.L.], v. 9, n. 19, p. 77-86, 30 ago. 2010. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*. <http://dx.doi.org/10.4215/rm2010.0919.0006>. Acesso em: 05/11/2023.

BAITELLO, JR, Norval. O inóspito: uma pequena arqueologia do conceito de espaço no pensamento de Vilém Flusser. **Flusser Studies**, Lugano (Suíça), n. 15, p.1-10, maio 2013. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/baitello-o-inospito.pdf>>. Acesso em: 11/02/2024.

\_\_\_\_\_, JR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

\_\_\_\_\_, JR, Norval. Comunicação, mídia e cultura. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 12, n.4, p. 11-16, 1998.

\_\_\_\_\_, JR., Norval. A volatilização do sangue. Tipografia e imagem mediática, jogos e guerras, animação e anestesia, orientação e ocidentação. In: Norval Baitello Junior; Luciano Guimarães; José Eugênio de Oliveira Menezes; Denise Paiero. (Org.). **Símbolos vivem mais que os homens**. 1º ed. São Paulo: Annablume, 2006, v. , p. 11-25.

BARBALHO, Alexandre Almeida. Corpos e mentes dilacerados: o grotesco nas imagens da seca de 1877. **Trajeto Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 139-150, 2005. Acesso em: 06/11/2023.

BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à Iconologia. **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia - Ghrebh** -, v. 1, n. 08: São Paulo, 2006. Acesso em: 17 de maio de 2023. Disponível em: [https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%208/04\\_belting.pdf](https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%208/04_belting.pdf).

\_\_\_\_\_, Hans. Por uma Antropologia da Imagem. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 65-78, jul. 2005.

BRITO, Luciana. A Fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX. **Estação Literária**, Londrina, v. 10b, p. 111-125, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10BArt8.pdf>>. Acesso em: 05/11/2023.

CONTRERA, Malena Segura. Ontem, hoje e amanhã: sobre os rituais midiáticos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 28, n. 28, p. 115-123, 2008. Acesso em: 10/01/2024.

\_\_\_\_\_, Malena Segura. Imagens endógenas e imaginação simbólica. *Revista Famecos*, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 21350, 11 nov. 2015. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.21350>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/21350/13701>.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_, Mircea. **O Sagrado e o Profano**; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_, Mircea. **Imagens e símbolos**. Editora Arcádia: Lisboa, 1979. 173 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 3. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GONÇALVES, Paulo Cesar. O mandacaru não floresceu: a ciência positivista a serviço do combate à seca de 1877-1879. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.25, n.2, abr.-jun. 2018, p.515-539 *apud* Girão (1953). Acesso em 17/09/2023. Acesso em: 17/09/2023.

KATZ, Helena. **Todo corpo é corpomídia**, 2006. Com Ciências. Disponível em: <https://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=11&id=87>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

LIMA, Thiago. The concentration camps for famine victims in Brazil and the struggle for their public memorialisation. **Third World Quarterly**, [S.L.], p. 1-18, 30 mar. 2023. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/01436597.2023.2190506>. Acesso em: 05/11/2023.

MARTINS, Raimundo Aterlane Pereira. **Das santas almas da barragem à caminhada da seca: projetos de patrimonialização da memória no sertão central cearense (1982-2008)**. 2015. 139f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2015. Acesso em: 28/06/2023.

MELO, Leda Agnes Simões de. O CONTROLE DO ESPAÇO DO SERTÃO: os campos de concentração do ceará na seca de 1932. **História e Cultura**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 138, 6 jul. 2020. *Revista História e Cultura*. <http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v9i1.3139>. Acesso em: 10/11/2023.

MIDDLETON, Paul. What is martyrdom? **Mortality**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 117-133, 12 mar. 2014. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13576275.2014.894013>. Acesso em 01/06/2024.

MONTEBELLO, Natalia Monzón; SILVA, Marcílio Medeiros. Retirantes flagelados no Ceará-da-seca. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, [S.L.], v. 8, n. 21, p. 60-77, 6 ago. 2018. O Debate Entre O Publico E O Privado. <http://dx.doi.org/10.32335/2238-0426.2018.8.21.1058>. Acesso em: 29/06/2023.

NEVES, F. C. (1995). Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). **Revista Brasileira de História**, 5(29), 93-122. Acesso em: 03/11/2023.

OKUMURA, A. S.. A parede como suporte de imagens endógenas e imagens exógenas na contemporaneidade. In: **12º Interprogramas de Mestrado**, 2016, São Paulo. 12o Interprogramas de Mestrado em Comunicação, 2016. Acesso em: 14 de maio de 2023: Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2017/03/Aline-Silva-Okumura-UNIP-Trabalho-Completo.pdf>

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. O corpo da fé: estudos sobre o sagrado e o profano. **Revista Nures**, São Paulo, v. 8, n. 20, p. 1-13, abr. 2012.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo, Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PINHEIRO NETO, Armando. **De curral da fome a campo santo: o campo de concentração de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Acesso em: 11/09/2023.

PEREIRA, José Carlos. A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 67-98. Acesso em: 10/01/2024.

RAPOSO, Amanda Chaves. **A vestimenta como mídia secundária**. 2013. 20 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mídia, Informação e Cultura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

REINALDO, Gabriela Frota. A natureza de Vilém Flusser: experiências limites. In: **SIMPÓSIO FLUSSER EM FLUXO.**, Anais... UFC. 15. 24-25. maio. 2012. Acesso em: 16/06/2024

RIOS, Kênia S. “A cidade do Sol à sombra do flagelo”. In **Projeto História**. São Paulo, EDUC, nº 19, novembro de 1999, pp. 215-225. Acesso em: 04/11/2023.

\_\_\_\_\_, Kenia Sousa. **Campos de Concentração no Ceará - Isolamento e Poder na Seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001. Acesso em: 14/05/2023.

RODRIGUES, Donizete Aparecido. Caminhar com fé: estudo sócio-antropológico de uma peregrinação ao Santuário de Fátima, Portugal. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 181-196, Acesso em: 10/01/2024.

ROMERO, E. L. G. A gestualidade das mãos: o gesto técnico e o gesto poético. **dObras** – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 3, n. 7, p. 89–98, 2009. DOI: 10.26563/dobras.v3i7.265. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/265>. Acesso em: 07/06/2024.

SILVA, Karoline Queiroz e. **Viva as almas da barragem!: a construção da caminhada da seca em Senador Pompeu – CE (1982-1998)**. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2017. Acesso em: 03/11/2023.

\_\_\_\_\_, Karoline Queiroz e. Viva as almas da barragem!: a construção da caminhada da seca, Senador Pompeu-CE (1982-2012). In: **ENCONTRO INTERNACIONAL. HISTÓRIA, MEMÓRIA, ORALIDADE E CULTURA 10.**, 03 a 06 de setembro de 2012. Fortaleza. Anais.... Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2012. Acesso em 08/11/2023.

SILVA, Leandra Bento da. **Tensões e disputas em torno da devoção “popular”: A Cruz da Menina em Patos (PB)**. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

SILVA, Rachel Dourado da; GALLO, César Eduardo Medina; CAVALARI, Edson. DEVOÇÃO POPULAR: as raízes das resistências à religião instituída. Revista Presença Geográfica, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 91-107, 3 nov. 2020. **Revista Presença Geográfica**. <http://dx.doi.org/10.36026/rpgeo.v7i2.5590>. Acesso em 10/01/2024.

SOUZA, Itamar de; MEDEIROS FILHO, João. **Os degredados filhos da seca**. Petrópolis: Vozes. 1983. Acesso em: 10/11/2023.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Geograficidade no Caminhar de Peregrinos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 47-61. Acesso em: 10/01/2024.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**. Niterói: EdUFF, 2008. 278 p.

UCHOA, Cibele Alexandre; CUNHA FILHO, F. H. Campos de concentração na seca de 1932 no Ceará: a proteção dos lugares de memória de Senador Pompeu. In: XIX Encontro de Iniciação à Pesquisa da Universidade de Fortaleza, 2013, Fortaleza. **Anais do XIX Encontro de Iniciação à Pesquisa da Universidade de Fortaleza**, 2013. Acesso em: 04/11/2023.

VIANA COELHO, I. Herança material e simbólica dos campos de concentração no Ceará. **Rocalha - revista eletrônica do CEPHAP - UFSJ**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 251–267, 2021. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/rocalha/article/view/4908>. Acesso em: 12 nov. 2023. Acesso em: 23/04/2023.

XII SEMANA DE HISTÓRIA DA FECLESC - HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, 2016, Quixadá. "**Caminhando ao campo santo pelo sertão eu vou...**": A construção da Caminhada Seca, Senador Pompeu - CE (1982-2010). Quixadá: UECE, 2016. Acesso em: 27/06/2023.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.